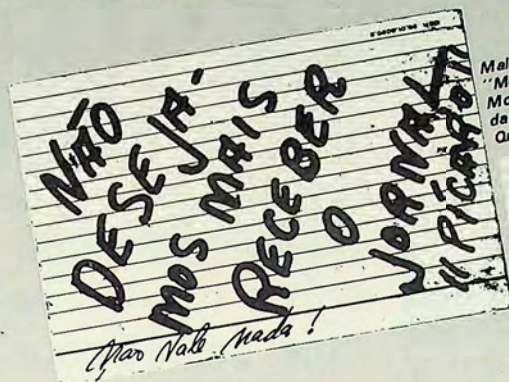


# ! PÍCARO !

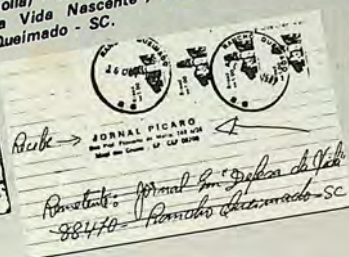
BRAZIL - JANEIRO/FEVEREIRO - Nº 16 - ANO IV - CZ\$ 50,00

## CARTAS EM CARTAZ

Nosso caso é público, talvez notório.  
Pícaro não perdoa, cai em cima, babando no leito dos leitores manifestantes.  
Pág. 10 e 11



Malho assumido e d'fudido do  
Movimento GBM (Gianna Beretta  
Molle) - Vozes e Ação em Defesa  
da Vida Nascente, de Rancho  
Queimado - SC.



NELSON RUBENS SPADA

"Eu gostaria de falar devagar,  
pelo menos pensar bastante. Ou  
as coisas são aprofundadas mes-  
mo, ou então não valem a pena".  
Pág. 4 e 5

## DENISE STOKLOS

## ENIO MAINARDI

"Nunca conversei, nunca falei essas coi-  
sas pra ninguém ou pra mim mesmo em  
voz alta. São hipóteses que eu vou criando  
enquanto converso com vocês. É  
muito mais legal eu me investigar assim".  
Pág. 20



NELSON SANTOS

### MAIS:

|                                   |               |
|-----------------------------------|---------------|
| Esse Coqueiro que dá Coco         |               |
| Paulo Leminski                    | pág. 02       |
| País de Merda                     |               |
| Carlito Maia                      | pág. 03       |
| Vendo o Rádio                     |               |
| Vanice Assaz                      | pág. 06       |
| Riso de Dor                       |               |
| Jairo Máximo e Walter S. Jr.      | pág. 07       |
| Fininho                           |               |
| Fernando Machado                  | pág. 08       |
| Expirado Contemporâneo            |               |
| Giovanna Picillo                  | pág. 09       |
| Produto de Intimidade             |               |
| Hermes Reis Araújo                | pág. 13       |
| Poetas de Mogi                    |               |
| Castilho e Edvaldo Teixeira       | pág. 14       |
| Rebeldes de Ontem de Mogi         |               |
| Teodoro Meissner                  | pág. 16       |
| Livros Independentes              |               |
| Walter de Souza Junior            | pág. 17       |
| Música                            |               |
| Adilson Spindola e Mário Zamarian | pág. 18 e 19. |

# ESSE COQUEIRO QUE DÁ COCO

Um vice país governado  
por um vice-presidente  
que vice manda e desmanda  
sobre um vice bando de vice gentes,  
hoje se diz constituinte.

Na Magna Assembléia, ainda  
não apareceu nenhuma idéia.  
Discute-se a propriedade da terra,  
os meios de conter a CUT  
e os interesses dos bancos,  
que nesta terra de brancos  
todos os gatos são mansos.

A um povo que só diz sim,  
uma elite com alma de pedinte  
oferece a comédia de uma constituinte.  
Esta pergunta, porém, é eterna:  
quem contraiu nossa dívida externa?

Quem sabe no ano 2000  
chegaremos ao século 20.  
Sim, senhores, do Brasil é o seguinte.

Paulo Leminski



**SPIRIT**



**NIQUEL  
NÁUSEA**



# PAÍS DE MERDA



Carlito Maia

Como a pedra no lago, que irradia círculos concêntricos, assim é algo que se publica. Ou se irradia ou não tem sentido. Caso do artigo do Erazé Martinho, cujo título original - "País de Merda" - é mantido pelo bravo Pícaro, foi publicado em primeira mão no suplemento "Desfile" do Jornal de Jundiá, sob o título "República sem Vergonha".

Como se tratava da explosão da mais justa indignação, além, de se referir a uma das melhores criaturas já nascidas neste país de merda, o Henfil; transcrevi-o, na íntegra, no Caderno de Propaganda & Marketing, para o qual escrevo regularmente (3º domingo de cada mês).

E agora, insistindo com o super-pícaro Jairo Máximo, consegui vencer sua resistência - ele queria um original meu sobre o Henfil - e torno a transcrever a beleza que o Erazé assinou embaixo. Se fosse o caso, eu pediria desculpas aos leitores do Pícaro, onde, gostosamente, passo a colaborar também. Mas não é: eu teria de pedir desculpas a vocês se lhes sonegasse tal peça de brio, de dignidade, de cidadania, de expressão superior da condição humana do seu autor.

Aqui está, para nossa vergonha, a verdade nua e crua sobre o que aconteceu com o grande homem chamado Henfil.

O super-homem existe e o nome dele é Henfil, a quem dedico este pequeno poema.

**Surdo de tanto silêncio  
Mudo de puro espanto  
Cego, não vê a hora**

Adoro o Pícaro e seus leitores. Por favor, incluam-me entre as suas leituras. Desde já, muito muito obrigado.

O Henfil, Henrique de Souza Filho, cartunista, escritor, irmão de todos os que sofrem, vai morrer daqui a pouco. Se é que já não morreu hoje, dia em que escrevo, é terça-feira, cinco dias antes desta publicação chegar até você. Na fase terminal da doença que matará ou já matou o Henfil, cinco dias são nada.

O Henfil foi contaminado com a Aids, ao

fazer tratamento contra a hemofilia. Desde criança ele lutou contra a hemofilia. Foi à China em busca da cura pela acupuntura. Foi aos Estados Unidos tentar curar-se quimicamente. E agora vai morrer, ou já morreu. Não da doença, mas do tratamento. Porque o sangue utilizado no tratamento estava doente. Não vai morrer das agulhas chinesas, nem da química norte-americana e sim do sangue doente que lhe aplicaram aqui, no Brasil.

Mas, em que lugar aquele maluco, aquele Fradim sem medo andou buscando sangue para tratar-se, minha santa mãe? Na cadeia? No cais do porto? Na promiscuidade das favelas dos cortiços? Nos rituais primitivos ou insólitos das crenças e credências populares? Não!

O Henfil sempre tratou sua hemofilia em clínicas especializadas. Nessas que te obrigam a preencher ficha e a mostrar documento ao entrar. Nessas que te cobram o tratamento. Que possuem equipamentos sofisticadíssimos, operados por especialistas com cursos até no Exterior. Gente que estudou anos e anos e que, mesmo depois do juramento pela defesa da vida contra a morte, continua estudando, aqui e lá fora.

Pois foi num lugar desses que injetaram sangue contaminado no Henfil. Nele e em seus dois irmãos, o sociólogo Betinho e o músico Chico.

Herbert de Souza, 52 anos, Francisco Mário de Souza, 38 anos, Filhos de dona Maria, a quem Henfil escreveu cartas e mais cartas. Pois injetaram sangue com Aids no Henfil, no Betinho e no Chico, hemofílicos também.

Injetaram sangue com Aids nos três, bem como estão injetando sangue com Aids em 50% dos hemofílicos. Isso, segundo as estatísticas otimistas: há quem fale em 100% de contaminação e contágio. Todos os hemofílicos estão morrendo. Não da doença que, embora incurável, não é fatal. Morrem da cura, do tratamento para não morrer.

O Henfil foi assassinado, esteja ele ainda

vivo, ou morto já. Todos os hemofílicos estão sendo assassinados, irremediavelmente assassinados. Um assassinato tão brutal que não deixa alegação ou alegria nem para os abutres da moralidade. Henfil e seus irmãos, Henfil e cinquenta por cento dos hemofílicos, Henfil e talvez cem por cento dos hemofílicos adquiriram Aids passivamente. Sem pecado. Clinicamente. Por meio de mãos enluvasadas, esterilizadas, que um dia, em preces a deuses de todos os tempos e Hipócrates, juraram salvar, ou lutar para isso.

Um assassinato brutalíssimo contra o qual ainda não ouvi o uivar dos afanados, que normalmente babam por justiça. Talvez nem vá ouvir, porque o código de ética não permite que se fale contra o patrocinador. Pois é, não uivaram e nem uivaram contra quem lhes para testemunhar, não cura da Aids maldita, mas as de tosse, de alcoolismo, das dores de cabeça e do fígado. Males que tem o nihil ostat do Sistema. Males que rendem ICM e IPI.

Mas e o governo, o que faz o governo do tudo-pelo-social contra esses assassinatos? Sim, o governo que discursa altas tecnologias uranianas e desfila altas técnicas declaradamente bélicas, o que faz contra esses assassinatos? Por que não convoca as Forças Armadas para combaterem esse inimigo interno, que subverte a mais natural de todas as ordens, a vida? Por que não envia tropas de choque a todos os bancos de sangue, para impedir que esses piquetadores sem escrúpulos injetem doença e morte em inocentes? Por que não aplica a Lei de Segurança Nacional, que a Aliança Democrática manteve intacta, para prender a arrebanhar esses bandidos?

Ah, mas o ministro da Saúde está muito preocupado com o mal. Tanto que relutou até autorizar a comercialização do AZT, a droga capaz de assegurar alguns meses a mais de vida aos adictos. O ministro receava que os brasileiros ingerissem um medicamento cujas contra-indicações são ain-

da desconhecidas. Com o cinismo típico do cargo, faltou apenas ao ministro dizer que, neste país de merda, apenas está autorizada a entrada de feijão podre, de arroz com fungo, de leite radiativo. Porque, nesses casos, o consumo é generalizado. Grande consumo, grandes compras. Grandes negócios. Grandes porcentagens. Porque, nesses casos, as contradições são absolutamente conhecidas. E lucrativas.

O Henfil, cartunista, escritor, irmão da humanidade, vai morrer, ou já está morto. Será ou foi assassinado. E seus assassinos, diretos ou cúmplices, continuarão impunes. Nenhum ministro falará em rede a respeito. Porque, neste país de instituições podres, nesta terra de autoridades cínicas, neste quintalão de gente apenas interessada em levar o seu, crime e castigo existem cada vez menos. E sempre para condenar quem denuncia, quem luta contra a exploração e a injustiça - que já não se limita à injustiça social, mas está virando regra, faltando apenas chamar-se Nova Justiça. Para rimar com Nova República, com Novo Sindicalismo e com a Eterna Falta de Vergonha. Pobre país pobre.

Li e reli o artigo do meu admirável e amado amigo Erazé.

Especialmente agora, com mais atenção, para poder transcrevê-lo aqui.

Se me dão licença vou ao banheiro.

Preciso vomitar, muito vomitar, que náusea.

Perdão, Henfil, meu pai, meu filho, meu irmão!

\* A primeira agência em que trabalhou o Erazé Martinho, um dos caras mais criativos e inteligentes da publicidade brasileira (além de honesto e digno), foi a Magaldi-Maia.

Vai daí que o conheço muito bem, sendo o Erazé uma das melhores coisas que me aconteceram na vida profissional.

Grande amigo meu, e amigo dos meus amigos, o ex-McCann é, além de vereador, jornalista exemplar.

## ENTRE NESSA SE FOR HOMEM

CRÉDITO PARA ESTUDANTES  
5 PAGTOS. S/ ACRÉSCIMO

**RiG**  
MODA MASCULINA

NOVOS DEPTOS.:  
"RiG JUNIOR" E  
"TAMANHOS GRANDES"

No calçadão de Mogi  
Fone: 469-1988

DENISE STOKLOS

# CONDENSAR É A POSSIBILIDADE MÁXIMA

Jairo Máximo

Denise Stoklos, 37, atriz, mímica, autora e diretora é uma estrela vibrante & combativa; performativa de raça. Sua arma é a criação possível do 3º Mundo, aliada a perfeição da técnica. Nasceu em Irati, sul do Paraná. Tem dois filhos - Thais, 9, e Piatã, 6, que juntamente com o teatro configuram sua eterna paixão.

Em 1967, saiu de Irati e foi morar em Curitiba. Depois circulou no eixo Sampa-Rio. Fez teatro, TV, até que, em 68 auto-exilou em Londres e encontrou a mímica. Caiu fundo nos estudos e, imediatamente tornou-se professora do "Women's Art Alliance de Londres". Em seguida concebeu o primeiro espetáculo solo "Denise Stoklos - One Woman Mime Show", apresentado na Inglaterra e França, conquistando a crítica especializada rapidinho.

No Brasil trabalhou com os diretores de teatro Antunes Filho, Fauzi Arap, Luis Antonio Martinez Corrêa e outros. Estudou acrobacia com o mestre húngaro Eugenio Bala; mímica com o célebre Desmond Jones, na Inglaterra; movimento com Leonard Pitt nos Estados Unidos.

No ano passado, escreveu & dirigiu & interpretou "Denise Stoklos in Mary Stuart", que estreou em janeiro de 87, in New York, no teatro La Mamma. Na sequência invadiu os palcos gloriosos da Alemanha, Grã-Bretanha, Paris, Roma, Cuba e Sampa/Rio. De repente, agora em janeiro de 88, estréia "Irati", seu novo espetáculo, também no La Mamma, que tem pela frente longas jornadas de apresentações marcadas para outros palcos do mundo.

Assim que voltou da consagrada estréia novaiorquina, Denise escreveu e publicou o importante manifesto "Fundamento do Teatro Essencial", onde de saída afirma: (...) deve haver mais, além. E tem. O mais é o que está sempre vindo. Dentro dessa disposição dialética me sinto livre (...)"

Sabe? Entendeu!

Denise (Teatro essencial) Stoklos

A minha viagem, a minha necessidade de fazer teatro ninguém vai tirar, por isso que eu faço um teatro que ele não precisa de

absolutamente nada. Não precisa do sistema. Eu faço ele em cima de uma mesa e se não tiver a mesa faço ele em cima de um banquinho e se não tiver o banquinho faço também sem ele. Este é o teatro que subverte tudo, revolucionário. Não necessita de nada daquilo que não seja aquilo que eu tenho, que ninguém me tira - só se me matarem -, que é o meu corpo e a minha voz.

## Decididamente Anarquista

Eu não faço parte de nenhuma associação, partido político, de nada. Não me identifique com a minha classe teatral, nem sou sindicalizada e não tenho título eleitoral.

Não gosto de todas as regras sociais que a gente tem. Acho que é uma sociedade de morte, toda voltada para você viver pouco.

Mas eu acho que não estou sozinha. Isso é "Era de Aquário", fraternidade. São coisas que acontecem independentemente.

## Menicê Descolada

Desde de pequena eu escrevia a minha própria coisa porque não tinha onde encontrar, eu tinha que fazer, a minha necessidade fazia eu mesmo produzir aquilo que eu precisava, pois eu não tinha acesso.

Morava numa cidade do interior do Paraná, em Irati - uma cidade muito pequeninha -, onde não tinha teatro; tinha apenas cinema aos domingos e era matiné. Então eu não tive acesso mesmo, nem sabia como era, como se fazia teatro.

Fui entrar dentro de uma casa de espetáculo teatral quando eu tinha 15 anos, em Curitiba. Antes disso eu já fazia teatro - escrevia e dirigia.

## Irati sempre

A minha opção é permanecer em Irati, sabe? Eu estou em Irati aonde eu estiver, no sentido assim: ninguém pode fazer aquilo que é o meu serviço. Não tem teatro aqui, não tem texto na cabeça... eu tenho que fazer. Gostaria de ter mais irmãos neste sentido.

## Sobreviver Artista

Acho que deve ser a possibilidade de furar todos os esquemas e sobreviver no mundo em que você esteja, naquele contexto, com essas e essas maneiras, sem ter que

com isso perder o seu impulso criativo. Se você se compromete com uma coisa que não é legal, é propaganda do sistema, fatalmente não vai dar.

## Inventar gozando

Acho importante inventar. Inventar uma família, sabe? Todas as instituições estão acabadas, corrosivas mesmo. Você tem que inventar, não é o niilismo, é a construção mesmo. Daquele jeito de inventar outros encaixes, diagramas, assim como numa cena no palco, numa estrutura de um espetáculo com a palavra e a imagem, ou no caso de "Mary Stuart", onde tem o passado com o presente. E também na sua vida, com sua família, na maneira de sobreviver.

## Constituinte é do "centrão"

Me recuso a saber quais foram as decisões da Constituinte porque ela não vai resolver nada. A revolução não se vai fazer por ali mesmo, porque ali é justamente a resistência.

## Arte: explosão lúdica

A arte é baseado no lúdico. Não há necessidade nenhuma da arte para o consumo.

## Paixão sem ilusão

A minha grande paixão são as coisas muito próximas, que estão muito relacionadas aos círculos imediato de atuação e ele me pega naquilo que é uma coisa muito evidente em mim, que é o teatro; uma coisa para qual eu não sei fui formada. Eu não sei qual é o ovo ou qual é a galinha... Picaro: Vem da infância?

Denise: Desde da minha noção de estar viva eu estava fazendo teatro em casa, montando coisas... A minha percepção de vivência está relacionada em resolver esta coisa: como transformar alguma coisa em cena.

A paixão é o extremo prazer de dedicar para tentar resolver uma situação em arte cênica; todas as mil possibilidades. O aprofundamento vai dar nesta coisa de agora estar assumindo a direção, escrever e atuar ao mesmo tempo.

## Auto-exílio Inglês

Só quem viveu a repressão de 67/68, no

Brasil, sabe o que era. Não tinha nada se renovando. Era uma coisa de morte, mórbida. Fui embora para a Inglaterra, e não sabia quando ia voltar, o que eu ia fazer.

Tive essa experiência, que foi junto com a minha primeira gravidez. Eu tive minha filha lá. Ai começou todo esse encontro com o novo, novo, para descobrir a mímica e fui fazer um curso e fiquei encantada com a possibilidade da técnica atrás da mímica.

## Refletindo a identidade Brasileira

Enfim, por opção mesmo, mesmo pintando uma possibilidade de fazer meu trabalho na Inglaterra, eu optei por voltar. Eu quero falar da minha pátria, sabe? Eu quero resolver é a minha história. É isso que eu tenho para contar para o mundo.

A minha discussão existencial é essa: a miséria daqui. A miséria do pão, do livro bom, da música boa e do teto, de tudo, a miséria geral brasileira.

## Vivo Fidel Castro vive

Eu queria um líder assim para a América Latina que fosse, não sei se é isso, mas essa figura de alguém que pudesse conduzir à AL e dissesse: a gente não tem máquina, mas a gente tem a possibilidade da AL se juntar com força e dizer: os nossos valores não são esses da máquina; nossos valores são todos esses milhões de brasileiros miseráveis que começam a produzir. O que não vai ser? Com os recursos que a gente tem - naturais, minerais, terra -, a gente manda. A gente domina o mundo - claro.

## PI: Sem dúvida, sem dúvida nenhuma!

DENISE: Com esse now-how criativo que a gente tem, da própria paixão latina. E é onde meu trabalho está tendo internacionalmente essa propagação, porque eles vêem isto - eles sabem, eles percebem está 3ª força. Não é o 1º Mundo, é uma coisa muito forte, o que é isso? Além do mais meu trabalho tem uma coisa que é necessário para furá-lo, porque aparece para ele, que é uma coisa chamada técnica, rigor, disciplina, que tem no trabalho. Tem energia; eles piram.

## PROCESSO DE CRIAÇÃO

Tenho que isolar e ver o que eu posso dizer, arcar e ir as últimas consequências. Condensar é a possibilidade máxima.

## "Mary Stuart" Foi assim

Eu fiquei construindo o espetáculo sozinho, sozinha - durante três meses - isolada nos Estados Unidos. Ai chamei a Isla Jay, que é fotógrafa e morava lá a 9 anos, e é brasileira. Chamei a Isla para fazer as fotos dos espetáculos e a luz comigo, pois eu sa-



ISLA JAY

... "Arrebatadora nas imagens precisas que cristalizam e complementam sua técnica." (Gillian Hetherington, Time Out, Londres)

... "Pequenos gestos essenciais para descrever a vida." (Laura Putti, La Repubblica, Roma)

**Kazuo Ono: Sem Palavras**

O Kazuo é inesquecível. Kazuo é a marca do teatro. Kazuo é o representante deste teatro de sobrevivência, aquela coisa que busco muito, aquela coisa de uma pessoa única, sozinha, com sua história, seus recursos, seu repertório e seu testemunho ser o teatro. Pronto o Kazuo é o próprio

**Liberdade de Produzir**

Sempre produzo eu mesmo os meus espetáculos. Gosto de eu mesma criar as minhas condições de trabalho, pois não tenho que agradar ninguém.

PI: Seu trabalho sai de Irati para o "mundo", sem subvenção nacional.

Patrocinio é foda?

DENISE: Patrocínio seria excelente se existisse, desde que não interferisse. Eu nunca consegui, tentei até quando eu estive em Brasília e falei com o ministro da Cultura, mas aquilo é uma mentira, é uma coisa absurda. Fiquei escandalizada. Mas enfim, eu fui lá e falei com ele e ele disse: vamos dar o apoio, seu trabalho é importante (mas quem é você mesmo) porque ele nunca foi a um espetáculo meu. (Risos)

PI: (Risos) Hipocrisia pura:

DENISE: É triste. Enfim, só o que eles me ofereceram foi uma cartinha para eu anexar nos meus pedidos de patrocínio.

PI: A "tal" da cartinha. É a sociedade do papel furado na mão.

DENISE: (Risos) Primeiro, eu acho um desabono ser abonado pelo ministro da Cultura. Segundo, é totalmente irrelevante porque com a desmoralização deles, quem é que vai levar a sério Terceiro, nenhuma empresa, ou poquíssimas empresas aceitam a Lei Sarney, porque quase todas sonegam o imposto de renda mesmo. E porque se vai dar dinheiro para um governo que depois vai construir, com aquele dinheiro que você dá, Angra dos Reis, "elefantes brancos"?

Mas eu mandei para 43 empresas "pedido de patrocínio", sendo que nenhuma concedeu. Sete escreveram carta de volta negando, outras nem escreveram.

Então eu continuei mandando, mandando; se derem ótimo, se não derem, vou continuar fazendo também.

**Desejo**

Gostaria de fazer um programa de TV completamente desvinculado destes programas comerciais. Uma coisa de estímulo, estimulante. Para isso ninguém me chama. Eles me chamam para aquilo que eu não quero - não faço -, que é coisa da Globo, que quando eu vou olhar bem é propaganda de uma firma de brinquedos.

PI: Eles pensam que a gente é otário, servil...

DENISE: Tem ator que gosta e acha o maior prestígio e poder. Não está a fim de ter que enfrentar uma criação, porque não é moleza. (Risos). Não tem brilho nenhum, é suor só. Não é festa

**Suando no palco**

O desgaste físico é muito grande, principalmente porque tem muitos trabalhos respiratórios junto com movimentação.

**Saúdavel por excelência**

Eu não fumo e não bebo, isso já algum tempo. Não como carne, só aves, peixes - carne branca. Eu não saio nunca. Não vou a festa, não vou a reuniões. Durmo relativamente cedo e acordo relativamente cedo.

**Se não for assim não nada**

Porque no "Mary Stuart" são duas presenças no palco, onde está se desenrolando um personagem que está se mexendo assim, aparentando assim, e no palco está a atriz cuidando da respiração que deve ser assim. Quer dizer, sempre tem duas lógicas atuando e aí está o desgaste: estar se adaptando o tempo inteiro, conduzindo - a atriz e o trilha.

PI: Você não acha que seja por isso que a crítica americana, européia elogia o seu trabalho, classificando-o de "maravilhoso", "fantástico"?

DENISE: Eu tenho certeza que é isso. Tanto que eles falaram que era a união do teatro oriental com o ocidental. Espero que seja. Está caminhando para ser. Acho que muito da aceitação dos EUA foi isso.

**Força nova na mímica**

Tive um aluno, que depois virou meu assistente, chamado Julio Sarcani. O Julio é muito bom. É uma alegria do meu tempo didático porque parece que eu formei uma pessoa. Ele foi um discípulo mesmo, sabe? Um pupilo - naquele sentido mais greco-romano de acompanhar o mestre

Ele vai construir a história dele. Ele tem o casamento com o trabalho dele, assim, exclusivo, sabe? Acho que é só assim

**"Decifra-me ou te devoro"**

Eu já fiz análise algum tempo com uma pessoa maravilhosa que foi guru de muita gente, a Regina Scheneider, que morreu durante nossa análise. Acho que ela deixou para todos os analisandos dela isto: decifra-me ou te devoro. A morte dela é a minha análise permanente. Saber que o fim tá aí.

A morte é um momento bem solitário. Neste sentido que acho que os valores que eu acredito e que eu gosto de alimentar são esses: que vivem da experiência solitária.

PI: Viver é doido?

DENISE: Viver é muito louco. Muito louco por causa das forças contraditórias.

PI: Relacionar intimamente é mais complicado ainda.

DENISE: É, é... um jogo incrível. Jogo de Eros e Tanatos.

**Descritica da Crítica Brasileira**

Primeiro é o critério; não tem critério. Depois, da maneira como isso é feito, sem respeito do próprio meio de comunicação, que dá uma autoridade para uma pessoa que não tem nenhuma vivência dentro daquilo.

**Veja que Baixaria**

Há uma revista que circula nacionalmente que o repórter teve lá com o fotógrafo e pediram convites. Acabou o espetáculo o cara foi lá dentro do camarim pedir para mim fazer pose, e olha que eu já tinha feito duas sessões. Eu disse que estava cansada, aí ele disse, "sem pose não há crítica". Aí a Isla falou "então tchau".

Se eu concordar com uma ditadura dessas eu estou concordando com tudo. Essa situação é uma coisa também que quando eu produzo meu espetáculo eu quero transformar, revolucionar essa maneira de produzir. Eu não acho que o teatro deva pedir esmolas porque senão não sai. Eu não quero fazer este jogo com a empresa. Não quero mesmo! Então não saia... não saiu mesmo. A revista ignorou que aconteceu um espetáculo chamado "Mary Stuart" em São Paulo, no ano de 1987.

**Apenas Marketing Cultural**

A imprensa oficial tem um espaço dedicado para a cultura - jornais, revistas. Mas você vai ver o que tem na sessão de cultura nunca é sobre cultura, é sempre sobre marketing cultural. Quem está vendendo quanto; o livro que estourou e vendagem, a peça que está levando 600 pessoas por noite. É o marketing... aqui no Brasil as coisas são muito colonizadas. Não há diversidade para sobreviver. E é isso que está me cansando.

PI: Coisa de Terceio Mundo. Coisa de quem "manda".

DENISE: Não tenha dúvida, por isso que é só revolucionando.

PI: Jogando pela tangente.

DENISE: E você não sustenta nenhum valor deles. Se o patrocínio não vem, não é por isso que você vai mudar o seu trabalho, que é isso que acontece com as revistas e jornais do sistema.

**Isto mesmo**

Faço teatro para que consiga ter uma comunicação a um nível artístico. Aquele que chega e ultrapassa o banal. Ultrapassa o superficial. Ultrapassa o cotidiano. Quando vou entrar em cena eu fico pensando o que eu posso oferecer - agora -, para o público que é além desse imediato que consome a vida da gente. O que pode chegar para as pessoas que seja uma ampliação da existência humana, uma dilatação da experiência vital e que não seja uma coisa que diminua a experiência vital.

**Recado Histórico**

O que trago é o recado do 3º Mundo para o ano 2000, porque no momento em que tanto a máquina da tecnologia, quanto a bomba atômica, são da mesma área, nós aqui temos a sobrevivência possível, a criatividade, o tesão, a energia que é a única coisa que vai sobreviver. Isto ninguém rouba!

Se eu tivesse nascido em New York, com certeza, ou Londres, Paris, eu taria fazendo um trabalho, como talvez o da Laurie Anderson, entendeu? Eu seria uma grande "star" de alguma coisa tecnológica, porque eu tenho uma combatividade muito grande, porque eu quero fazer, eu quero resolver - eu teria tido uma condição favorável mas em compensação eu não tenho isto. O meu recurso - é a criação



Momento especial: Denise e seu filho Piatê, 6 anos.

bia o que eu queria com a luz, faltava realizar. Aí ela passou a ser minha assistente de direção também.

**Emocão e Surpresa em Nova York**

A gente estreou e foi muito bom, a receptividade foi maravilhosa. Três dias depois a crítica do "New York Times", que consagrou o espetáculo de "brilhante", disse que eu era "maravilhosa". Lá a crítica tem uma importância, pois a partir do dia seguinte da crítica, o espetáculo já estava lotado com antecedência e aí eu fui convidada para ficar mais um mês, que eu não podia ficar, porque já começavam as aulas das crianças. Pude ficar apenas mais uma semana e recebi um convite para estreiar lá, todo ano, uma peça nova. Estou voltando agora em janeiro de 88.

**Coisa da Raça**

Na minha experiência de maternidade eu pude ver que as experiências não são reduzidas ao ego, pelo contrário, sabe? Primeiro que o meu corpo sabia mais do que a cabeça, tava preparado para aguentar toda aquela tempestade que acontece num parto assim, quando a gente não toma anestesia, não toma nada, que nem foram os meus dois partos. É uma coisa tão violenta, tão enorme, tão forte e o corpo simplesmente

sabe, conhece, conhece - tá tudo certo. Ele conversa com a tua psicologia.

PI: Como se estivesse "tudo" programado num "bit" de computador?

DENISE: É tá tudo certo. Mas isto não foi eu, foi a minha raça. E é isso que estou falando. O importante é reabilitar isto, trazer isto à tona, toda a experiência que sabe e não conhece, sabe e não usa, sabe e se deixa escravizar por meios de comunicação fascista tanto da política, quanto da indústria que vende, quer vender, vender.

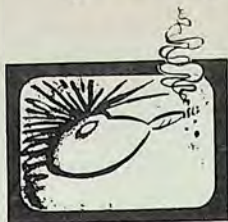
**Lar Franciscano**

A minha casa é totalmente franciscana. Não tem móvel a que eu me apeque. Tudo é assim: o mínimo necessário. Acho que a hora que eu optar por alguma coisa estou tendo uma relação com aquilo mais permanente. Já achei muito difícil ter construído este lar aqui em São Paulo, porque já estou optando. Isto significa que sou daqui, moro em São Paulo, enquanto o meu espírito não mora aqui.

**PI: Mora no Mundo!**

DENISE: Entendeu. Eu tenho alguns pontos definitivos na minha vida: o teatro e meus filhos. Esses são os pontos mais definitivos para mim.

# VENDO O RÁDIO



Vanice Assaz

A tecnologia tupiniquim vai mostrar ao mundo que também pode ser pioneira. Desta vez a loucura está sendo emitida via ondas hertzianas solta pelo produtor e pesquisador independente Alexandre Fejes Neto. 31 anos, o homem que colocou o primeiro software radiofônico no ar, através do Clip Informática, na rádio USP-FM. A novidade é a televisão radiofônica, imagens pelo rádio.

Ao sintonizar os 93,7 do dial, todos os domingos, às 15 horas, o ouvinte menos avisado pode se surpreender com ruídos que o levam para dentro de uma grande colméia ou com um zumbido sugestivo de uma nave espacial. Não é nada disso. Os barulhos estranhos simplesmente são os softwares especiais com os quais Alexandre apresenta semanalmente milhares de pessoas ligadas na área de informática e que podem, além de receber programas originais e de grande interesse, assistir o rádio, recebendo imagens pela tela de seus computadores. É o rádio ao vivo, com movimento e a cores!

Em 75, quando Alexandre trabalhava com a montagem de equipamentos de som para bailes e shows, existiam 500 mil computadores em todo mundo. Em 78 este número chegava ao primeiro milhão. Em 84, eles já eram quatro milhões e devem chegar a 20 milhões até o final desta década. Esse crescimento motivou o aparecimento de várias publicações, jornais e até programas de

tv, mas o rádio foi ficando para trás. Nada mais motivador do que isso e foi o que levou Alexandre, depois de adquirir um micro pessoal em 1980, a brincar com a grande invenção apresentada em 85 à direção da USP-FM. "Fizemos um teste e no dia seguinte, em 13 de outubro daquele ano, o primeiro Clip Informática foi para o ar", lembra Alexandre, que recebeu a menção honrosa na categoria "Inovação" no Prêmio Sucetu São Paulo de Jornalismo, pelo trabalho que vem desenvolvendo.

O Clip Informática possui três blocos. O primeiro traz notícias sobre microcomputadores, lançamentos, testes, opiniões e análises. O segundo destaca o setor de videocassetes, video-games e discos digitais. O software radiofônico entra na terceira parte com as ondas de frequência modulada transmitindo softwares para os ouvintes gravarem e utilizarem em seus computadores. Com quase 200 programas transmitidos, o Clip já forneceu tabelas de conversão do cruzeiro para o cruzado, meios de localizar o cometa Halley, simuladores de voo, utilitários e jogo que se fossem vendidos no mercado chegariam a preços que variam de dez a vinte mil cruzados.

"Nossos softwares são desenvolvidos por ouvintes, estudantes e pela nossa equipe de produção e só são transmitidos após uma autorização de seus criadores. Então, não há roubo ou pirataria", avisa Alexandre.

**Imagens pelo rádio** - A maior surpresa do Clip Informática pintou em agosto passado quando os ouvintes puderam, pela primeira vez, ver as notícias que estavam ouvindo. Bastava usar o estéreo do rádio, ligando o canal direito à entrada do computador, enquanto se ouvia o programa pelo outro canal. A mágica é completa: na tela do micro, simultaneamente com as notícias surgem desenhos animados, fotografias e charges. "Isso criou um novo rádio, um novo veículo de comunicação e divulgação publicitária", Alexandre, aposta no software radiofônico para a democratização da transmissão de dados, por enquanto de acesso caro e difícil já que as vias normais são os cabos telefônicos e os sofisticados sistemas de microondas. "A transmissão pelo rádio é mais barata tanto para o emissor como para o receptor, e ao transmitir softwares o rádio se integrará à sociedade informatizada, apresentando sua disseminação".

Com esta visão futurista, Alexandre enfrentou muita desconfiança. Seu Clip Informática em dezembro de 86 não estava dando retorno e mesmo com as inovações ele quase abandonou tudo. O cartucho final final era a transmissão das imagens, coisa que só conseguiu com equipamentos cedidos pela Unitron, Prológica, Gradiente e Elebra e de amigos que até hoje ainda emprestam uma câmara e um vídeo cassete. "Acho que acabei criando uma nova mídia, com um público alvo perfeitamente seg-

mentado e identificado, sobre o qual o patrocinador de cada programa pode, além de utilizar os esquemas tradicionais de publicidade, atacar com telas de abertura e encerramento, logotipos em todas as páginas do software transmitido e muitos outros tipos de anúncios".

Ele também já tem pronto e testado um esquema igual ao do rádio para transmissão de softwares pela televisão mas ainda não encontrou interessado em seu programa piloto, apesar de ficar, durante um ano, tentando negociar com a TV Manchete, e mal ser atendido pela Globo, o que o faz se dedicar totalmente ao rádio. "Estou com estrutura montada e acredito que até o meio do ano terei comercializado o programa em todas as principais capitais do país".

Enquanto espera que os patrocinadores acordem para o veículo que estão perdendo, Alexandre não pára. Depois de impressionar o ministro da Ciência e Tecnologia, na Feira de Informática, chegando a receber um convite pessoal de Luiz Henrique da Silveira para ir a Brasília explicar e demonstrar seus projetos, ele está lançando um Centro de Pesquisas onde pretende reunir todos os que se interessam pela informática. "Há muitos jovens com projetos perdidos por aí. Para viabilizar, trabalhos sem concretização é que quero criar este centro canalizador de pesquisas, cujos inventos, depois de vendidos terão uma porcentagem revertida para o próprio Centro".



No estúdio da Rádio USP a participação do público



Alexandre Fejes. Investindo num novo veículo

LAISON SANTOS

"Não se preocupe com o juízo final, ele acontece todos os dias." (Albert Camus, 1913-1960)

"Cada imagem é por si um sonho." (Walter Benjamin)



**Parada Vidros**

VIDROS, BOX,  
ESPELHOS E MOLDURAS  
SEM SOMBRA DE DÚVIDAS

R. Barão de Jaceguai, 402  
disque 469-2057/0760 Mogi

**ATTIC.**

I N G L Ê S

Mais Inglês Pra Você

R. João S. Primo, 39/43  
Vila Helió, Mogi, 460-1087



R. Prof. Flaviano de Mello, 918  
R. Cel. Moreira da Glória, 375  
Tel.: 469-5785

# O RISO DA DOR

Jairo Máximo

Foi detonada, em São Paulo a 1ª Bomba H - de infinitos ataques que ainda rolarão - e atingiu milhares de pessoas no projeto Leste. Triste ironia, pois enquanto o show se realizava o Henfil morria no Rio.

Solta por Carlito Maia e uma equipe de voluntários do Gapa (Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS), resultou em um evento humorístico/musical de contestação pura, que arrecadou 1,2 mil cruzados, divididos entre a família do Henfil e o Gapa. Convenhamos que esta grana é insuficiente para arcar com os rios de dinheiro que a AIDS come dos pacientes infectados: condenados. Haja grana!

Tensão e emoção e riso e dor foram os ingredientes da festa, organizada em apenas 10 dias. Participaram dezenas de artistas, músicos, humoristas, entre eles Jô Soares, Ronald Golias, Carlos Moreno, Paulo Caruso, Serginho Leite, Luis Fernando Veríssimo, João Kleber, Pai Ubu, Araquem, Consuelo Leandro, Osmar Santos, Kid Vinil, "Tradicional Jazz Band" e muito mais gente

transada e solidária do meio artístico brasileiro, onde tem muita estrela para pouca constelação.

## Exigência básica

Não queremos sangue contaminado com AIDS, patrocinada pelo Estado, e sim campanhas em massa, de esclarecimento público sobre os perigos da doença, forma de contágio, sintomas, mas por favor senhores ministros, governadores e instituições reacionárias, sem demagogia, pois agora todos fazemos parte do grupo de risco. Estamos doentes. Nosso sangue está contaminado. Pode?!?

Entretanto, somente o Bomba H para segurar tanto ódio e nojo do País desgovernado, falido e sem saúde. Infelizmente na história o nosso papel continua jogado as traças. O Henfil morreu e seus irmãos estão morrendo. Quase todos hemofílicos estão morrendo também. É fato!

Mas aí! Sabe? De quem é a culpa mesmo?



NELSON RUBENS SPADA

O humor solidário do Bomba H contou com as presenças de Consuelo Leandro, Golias, Jô Soares, Paulo Caruso, Luis Fernando Veríssimo, Osmar Santos.



# HENFIM

Walter de Souza Junior

Os anos 70 foram mais negros que a própria asa da graúna. Mas Henfil soube educar mal seus personagens.

E ríamos, em plena ditadura, como crianças com medo da escuridão. Pois é: os podres poderes souberam esperar. 5, 10 anos. E minaram Henfil naquilo que ele tinha de mais fraco: Your Blood. Injetaram em suas veias o vírus fascista, vindo da matriz.

Sua morte foi envolvida por risos e aplausos, numa noite memorável. Henfim.

A seguir, cenas do próximo Henfilm: "Tanga-deu no New York Times". Nos veremos.



Além, é claro, de um dos articuladores da festa, Carlito Maia, sentado na plateia.



## WILLY STUDIO



Av. São Paulo, 153 - Fone: 469.1405

## MARQUE UM ALMOÇO NO CAMPO



### LEITÃO PURURUCA

A comida é ótima,  
o preço é leve  
e o local é aconchegante

Estrada Mogi - Salesópolis, Km 79 (20 Km  
saída de Mogi),  
tel.: (0123) 76.1480 - de terça a domingo  
das 11h30 às 16 hs.

## O 3 EM 1 DA CIDADE

FOTO.CINE.VÍDEO

## STUDIO Spada

Uma loja de imagem

R. Antonio Candido Vieira, 789  
469-9687

"Salvem o sangue do povo brasileiro..." (faixa estendida no cemitério São João Batista, no Rio, durante enterro do cartunista Henfil)

"Acho que ele foi assassinado, assim como eu vou ser e outros também..." (Francisco Mário, irmão de Henfil, )



## SAIA DESTA VIDA



Seja Natural!

Lanchonete, e  
entrepoto naturalista

Encomendas  
469-9458

R. Princ. Isabel de  
Bragança, 224

# SUPER

Pça. Sacadura Cabral, 172  
- Fone: 469-0700

*Mustang*  
modas

Credário próprio  
R. Cel. Moreira da Glória, 376 -  
Fone: 468-1183

## ARGENTINO

ARQUITETO CREA 101.77510

R. Dr. Ricardo Vilela, 959  
Fone: 469-4922 - Mogi das Cruzes

Auxiliar de Escritório . Datilografia . Caligrafia  
Taquigrafia. Telefonista/Recepcionista . Desenho Mecânico



# ESCOLA GUARANI

Unidade I: Pça Mons. Roque de Barros, 367/A (em frente a telefônica)  
Unidade II: Av. Vol. Fernando P. Franco, 496 Mogi das Cruzes - SP.

Fone: 469-3370

## Cursos Intensivos de Férias

Janeiro/Julho

Prática de Contabilidade . Depto. Pessoal .  
Taquigrafia . Telefonista/Recepcionista

## Supletivo 1º e 2º graus

Manhã, Tarde e Noite

Também com revezamento

# EXPIRADO CONTEMPORÂNEO

"Vocês que estão aqui atravessando meu caminho, vocês passarão e eu passarinho." (Mário Quintana)

"Aqueles que nos matam nos fortalecem." (Nietzsche)

"Uma cidade é um ser vivo. Ela respira; ela espira e lança suas raízes até as estranhas da terra..." (Will Eisner, quadrinista).

Giovanna Picillo

Qualquer noção de civilidade passa pela história, mesmo que a história seja a estória de um grupo que se compraz em pontilhar a civilidade de segundas doses de sarcasmo. Neste caso trata-se da breve história de três anos de um bando de picarecos, anarquistas, old-punks, newhippies ou apenas defensores da **alternative-press**. Os adjetivos, entretanto, deixê-mo-los para os críticos. O que segue é só um relato do que foi o papo informal com o Jairo e o Jorge para contar o que é, afinal o **Pícaro** (a propaganda é a alma do negócio). Para os leitores fica apenas o aviso de que, sendo este jornal totalmente descompromissado, antes que você termine de ler, ele poderá ter desaparecido. Recomenda-se ainda estar de bom humor, senão você não vai rir e a gente fica sem saber o que fazer.

Mas voltando ao início, o início dos tempos, a história começou assim:

No princípio era o Genius que fazia Genêris. O Jairo é o Pai do **Pícaro** (de onde surgiu a picada?). No princípio tudo era crise (ele é bem brasileiro). Era também uma força estranha. Isso foi na época em que as Diretas já viraram Indiretas Até Lá. Tadinho dele, já nasceu da frustração. Mas o Jairo lembra: da frustração veio a reação (lei de Newton). O sulfite é a forma de curar a impotência, explica o Jorge.

Virilidade consumada (?), nasceu o jornal, de família pobre e honra duvidosa (Não, as referências não são as melhores).

## Era do Naufrágio

A primeira sede do **Pícaro** ficava na parte baixa de Mogi, costumava inundar no verão e situava-se ao lado de uma igreja pentecostal (precisa falar mais?). As vicissitudes eles combateram com coragem (salvando papéis ao invés de lençóis), rock and roll, ironia, um pouco de picaretagem, muito trampo e drogas (é claro que são um bando de viciados).

Mesmo frente às dificuldades, multiplicaram os pães e desde que nasceram só cresceram (ato heróico diante dos índices nacionais de mortalidade infantil). De uma folha de sulfite dividida em duas, que rendiam quatro páginas (é isso mesmo); **PASSARAM PARA EXCEPCIONAIS 120 PÁGINAS TABLÓIDES**. Da tiragem inicial de 500, são hoje dez mil, sendo pelo menos mil os que tem venda garantida em banca. Feito digno de nomeação em qualquer posto da administração pública.

O mais louco é que, nesse meio tempo, as pessoas bancaram a "coisa". Afinal, ela era pequena, mas eclética e variada. Dai que o jornal tem conseguido se sustentar com anúncios e o apoio dos colaboradores. Na eleição indireta de Tancredo Neves, pelo Colégio Eleitoral, por exemplo.

fato histórico, o **Pícaro** não faltou. Os anunciantes adiantaram parte da grana pro pessoal ir pra Brasília. Resultado é que a turma chegou a tomar até café na casa do Maluf.

Apoio dos anunciantes à parte, o jornal não tem rabo preso com ninguém, nem com o leitor (esse pessoal é um perigo, está de rabo solto).

## Apropriação indébita

Pra fazer a cobertura jornalística nesses anos, o pessoal não titubeou em "desapropriar" as ferramentas de trabalho. Eles não são marxistas, mas adoram essa história de desapropriação da propriedade alheia, é claro. Pra fotografar as eleições municipais de 86, tomaram "emprestada" a máquina fotográfica do filho de um empresário mogiano. E nem adiantou o fulano chiar. Mas tá justificado: fazer jornal sem ferramenta alguma durante dois anos e meios é ato heróico. Até a máquina de escrever era emprestada. E os proprietários, sem dúvida, se queixavam. O **Pícaro** não arredou pé, entretanto, do lema de sair primeiro atrás da ideia pra depois batalhar a ferramenta. Acumularam, até, uma certa pecha de Robin Hoods da imprensa, mas estes casos a gente conta na próxima.

Ser **Pícaro**, antes de tudo, é ser kamikaze, diz o Jairo - "a gente vai contra os modismos". Ainda assim é kamikaze bailarino. "Anda na corda bamba sem ter seguro do lado".

E o que o **Pícaro** oferece? (Não) dá picas". Dá tesão e levanta a moral. Tem também alguns casos engraçados.

No dia primeiro de fevereiro, o Márcio Chaer ficou esperando o Jorge durante algumas horas no aeroporto de Brasília. Ele deveria cobrir a posse dos constituintes. Tomou um vôo matinal em São Paulo e, como tem medo de avião, tomou um porre também. Quando acordou viu duas coisas: as lindas pernas da garota que estava a seu lado e, embaixo, o mar. Ainda sonolento disse: puxa, como é bonito esse mar. Ao que a gatinha retrucou: isso não é mar, é o rio Amazonas. O Jorginho dormiu e foi parar em Manaus, enquanto o Márcio cansou de esperar em Brasília.

O fato é que sempre que o Jorge toma alguma a mais cria confusões. O Leminski, coitado, viu ele desmaiado na sua sala, durante a entrevista, depois de ter limpado parte da adega. O porre, às vezes, também fica por conta do entrevistado. Todo mundo conhece o Tarso de Castro e nem precisaria dizer que, antes do papo terminar, ele já tinha derrubado dois - o Jairo e a fotógrafa Marisa Uchiyama que, ingênuos, acabaram

tomando o que nunca tomam. Sem falar, ainda, que, para conseguir entrevistar o tal os dois tomaram a maior canseira, dias e dias na sua captura, como se fosse o Sting (pensaram?). Mas não vamos fazer fococas não. É que é difícil deixar de lembrar algumas coisas que tem pontilhado essa aventura. Como, por exemplo, o dia em que o Jairo foi preso durante uma manifestação pela "descriminalização da maconha", em frente ao Teatro Municipal de São Paulo. Com toda a picaretice, depois de fichado, o Jairo fez amizade com o pessoal da delegacia. E a história, que começou com arquivamento no fichário do SNI, terminou com um final feliz, quando o delegado de plantão Sérgio Fleury pôs para uma foto do **Pícaro**, (lembra orgulhosamente o Jairo).

É claro que nem tudo são flores. O grupo não é homogêneo e nem defende posições iguais. As brigas, elas existem mesmo. As vezes nem os colaboradores ficam de fora (eu mesma!!!!!!). Mas é isso tudo que dá esse produto final e que a gente resolveu contar! Tá aí. Só gostaram, ótimo. Se não, podem pôr no lixo, afinal, jornal é des cartável mesmo - mais uma da sociedade de consumo.



NELSON RUBENS SPADA



Pai Ubu comprando o **Pícaro**, quer dizer, uma escultura, do ceramista Mauricio Chaer, "Pai Ubu" - para tirar o jornal de foda econômica.



Em 30 de novembro de 84, o **Pícaro** nº 01. O começo de tudo.

JORGE BERALDO

No 1º Congresso Nacional de Anarquia, UnB, novembro de 86, o **Pícaro** injetou seu vírus jornalístico.

## "God bless the Pícaro"

Sem **Pícaro** tudo iria para as picas, que aliás é para onde o Brasil está indo. Tomara a gente tivesse uns duzentos jornais como este espalhados pelo país, funcionando como espécie de consciência da grande imprensa, como questionadores das pessoas, um jornal que cutucasse, espicacasse e mexesse com o nosso orgulho, nesta forma bem humorada, mas que tem uma profunda seriedade atrás.

Os **pícaros** nos obrigaram a uma reação, fazendo com que a gente salsse da passividade, porque o problema está aí: o passivo é aquele que leva no rabo e é isso que está acontecendo com o povo brasileiro.

Terminei com uma expressão colonizadora: "God bless the Pícaro".

Ignácio de Loyola Brandão  
6 de novembro de 87



# - CLUBE INTERNACIONAL DA AMIZADE -

## ALGUMAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO CLUBE:

- Correspondência nacional - Correspondência internacional - Troca de informações
- Livros nacionais e importados - Revistas nacionais e importadas - Cursos por correspondência
- Contatos pessoais no Brasil e no Exterior - Contatos comerciais no Brasil e no Exterior
- Pesquisas - Passeios e viagens - E, principalmente, amizade

## O Clube Internacional da Amizade já conta com integrantes nos seguintes países:

- Brasil - Argentina - Uruguai - Peru - Bolívia - Paraguai - Chile - Equador - Venezuela - Colômbia -  
Panamá - Porto Rico - Nicarágua - Cuba - México - Estados Unidos - Canadá - Portugal - Espanha -  
França - Inglaterra - Alemanha Ocidental - Itália - Suíça - Dinamarca - Áustria - Senegal - Polônia -  
Suécia - Japão - Irlanda - Grécia - China - Austrália - Nova Zelândia - Finlândia - Angola - Moçambique

*E ainda se encontra em andamento, a colocação do Clube em outros países.*

Estamos esperando a sua participação.  
CLUBE INTERNACIONAL DA AMIZADE  
DRACMA - Intercâmbio Cultural  
Marcelino Dobarro Casado  
Caixa Postal, 12.795 - SP  
SÃO PAULO - CEP: 04798

## CONVIDE OS AMIGOS!

NÃO QUERENDO DANIFICAR O JORNAL BASTA COPIAR OS DADOS ABAIXO - A MÁQUINA OU EM LETRA DE FORMA -

### - CLUBE INTERNACIONAL DA AMIZADE - - FICHA DE INSCRIÇÃO -

NOME: .....  
ENDEREÇO: .....  
BAIRRO: ..... CEP: .....  
CIDADE ..... ESTADO: .....  
DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
LOCAL DE NASCIMENTO: .....  
HOBBYS E PASSATEMPOS: .....  
ESTUDA? - SIM ( ) NÃO ( )  
ONDE?: .....  
QUAL O CURSO?: .....  
CURSOS QUE JÁ FEZ: .....  
CURSOS QUE PRETENDE FAZER: .....  
TRABALHA? SIM ( ) NÃO ( )  
ONDE?: .....  
QUAL A FUNÇÃO?: .....  
FALA OUTROS IDIOMAS?: - SIM ( ) NÃO ( )  
QUAIS?: .....

Os integrantes do Clube não precisam saber outros idiomas, pois podem manter contato e atividades com integrantes do Brasil e Exterior que falem Português.

TAXA DE INSCRIÇÃO - Cr\$ 620,00 (SEISCENTOS E VINTE CRUZADOS)

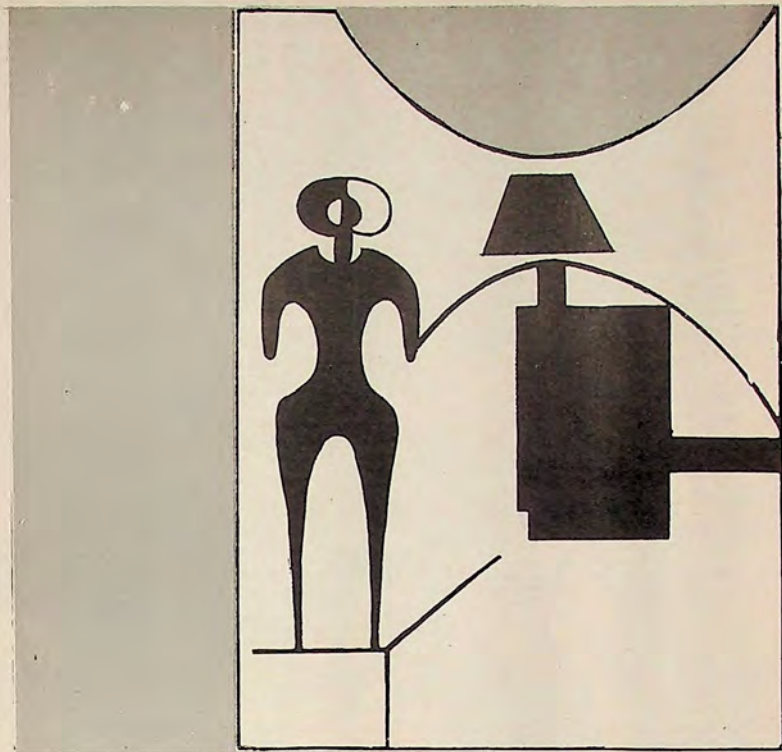
ATENÇÃO: Este é o único pagamento a ser feito para fazer parte do Clube Internacional da Amizade. Você receberá todos os meses informações das atividades desenvolvidas pelo Clube, assim como nomes e endereços de outros participantes no Brasil e no mundo, podendo ainda fazer quantas consultas quiser.

Forma de enviar o pagamento da taxa de inscrição, anexo à esta: em Cheque Nominal à MARCELINO DOBARRO CASADO - OU EM VALE POSTAL NOMINAL A: MARCELINO DOBARRO CASADO -

Enviar por carta para:  
CLUBE INTERNACIONAL DA AMIZADE A/C  
Marcelino Dobarro Casado - Caixa Postal 12.795 -  
SÃO PAULO - SP - CEP: 04798

- FUNDADO EM 05 DE NOVEMBRO DE 1980 -

"O importante é sua postura diante da vida. (Kazuo Ohno)"



MAURICIO CHAER

# PRODUTO DA INTIMIDADE

Hermes Reis Araújo

"Falamos da harmonia de um quarto, como falaríamos da harmonia de uma pintura, pois tanto a pintura como os aposentos são submetidos àqueles princípios indelétricos que regem todas as variedades da arte". (Edgar A. Poe, "Filosofia do Mobiliário") "O defeito que observei na maioria de vossas casas é que não existe nelas nenhum plano definido de cor sobressalente. Cada coisa não está concretizada em um só tom, como deveria ser. As casas estão repletas de objetos deliciosos que não guardam nenhuma relação entre si".

(Oscar Wilde, "A Decoração do Lar") "Pela primeira vez, o espaço em que vive o homem privado se contrapõe ao local de trabalho. Organiza-se no interior da moradia. O escritório é seu complemento. O homem privado, realista no escritório, quer que o interior sustente suas ilusões". (Walter Benjamin, "Paris, Capital do Século XIX")

Junto à decretação da morte de Deus, o século XIX faz surgir o nascimento do homem privado. Num acontecimento inédito na história, ocorre a separação radical entre o espaço social e o espaço privado onde o burguês se aloja num "estorjo" que possibilita o livre curso aos fantasmas de uma interioridade que se contrapõe ao mundo. A "família" e o "lar" se produzem como refúgio do voraz redemoinho que dilacera os corpos e os espíritos num mundo povoado de consciências plenas de si que, sozinhas não contam mais com nenhum amparo divino. Na era da técnica e da velocidade os homens se vêm irremediavelmente sós.

As novas formas de auto-governo (Foucault as chamou de "governamentalidade") que emergem junto à constituição da sociedade normalizada, cuja gênese parece encontrar-se a partir do século XVIII, atingem no século XIX, um movimento de estetização que flui na ética de um mundo composto de interioridades que se debatem na sociedade que os homens atribuem única e plenamente como produção sua. A crença

no poder dos homens nunca foi tão grande, como também nunca o foi a necessidade de proteger-se dele.

Em "Paris, Capital do Século XIX" (especialmente em "Luís Filipe, ou o interior"), Walter Benjamin, traça um preciso quadro da produção do espaço privado como uma mobilização estética das "reservas da interioridade", onde o homem privado habita em torno de seus próprios "rastros", podendo então, resguardar-se junto às marcas que o preservam como sujeito de si e para si.

A pintura, a arquitetura e também a literatura, junto às novas tecnologias da arte e da produção conquistam também os interiores, produzindo as linhas harmônicas que vão embalar, na plasticidade dos recintos privados e íntimos, as individualidades nos seus momentos de pausa, de escape de um mundo sôfrego e inapelavelmente dissipador.

A decoração dos espaços privados, alinhavada às regras da assepsia do corpo e da ascese do espírito, passa a significar um

dos pontos culminantes - junto a segmentos sociais inteiros - de reciclagem e alimentação das forças de um psiquismo voltado exclusivamente para si mesmo.

Na volúpia da celebração do movimento das máquinas sociais e das máquinas técnicas, emerge a necessidade vital dos pontos de repouso: paradas técnicas para a recomposição do equilíbrio incessantemente ameaçado: máquinas de psicanalizar tudo e todos, inclusive o ordenamento estético da intimidade das habitações, local privilegiado do exercício de si para o homem moderno.

A literatura mostra-se pródiga em refletir e produzir a busca incessante do homem que procura a si mesmo, apontando, em alguns casos, a constituição dos espaços interiores da habitação como lugar onde o homem se encontra consigo próprio: a fluidez e harmonia das linhas, a utilidade dos objetos pessoais, a amenidade das cores e dos tons, revelam-se como dispositivos essenciais à fruição reservada dos sujeitos em seus invólucros de reencontro e de equilíbrio.

"O teatro é o espaço dos anarquistas coroados." (José Celso Martinez Corrêa)

**BAR Alquimia**

Receita da Pedra Filosofal

**ingredientes:**  
1 pitada de amizade, outra de bom atendimento, 3 copos de simpatia, 1 colher de temperos cósmicos e descontração à gosto.

**modo de preparar:**  
1 cozinha de primeira, ambiente bonito com gente bonita, tudo misturado ao som de música ao vivo.

**Pronto!** Serve-se de segunda a domingo, acompanhado de deliciosas poções, drinks, sandubias e caldos mágicos.

R. Narciso Lucarini, 29 Mogi (perto da UMC)

**COLÉGIO ESTRUTURAL**

o caminho profissional

**MATRÍCULAS ABERTAS**

**TÉCNICO 2º GRAU:**  
• EDIFICAÇÕES  
• SANEAMENTO  
• T. OCUPACIONAL

**SUPLETIVO 1º e 2º GRAU**

uma nova opção: curso técnico de inspetor de segurança do trabalho.

**R. BARÃO DE JACUAI, 467 - F: 4695424 - M. CRUZES**

# FILHOS DE CÉSIO

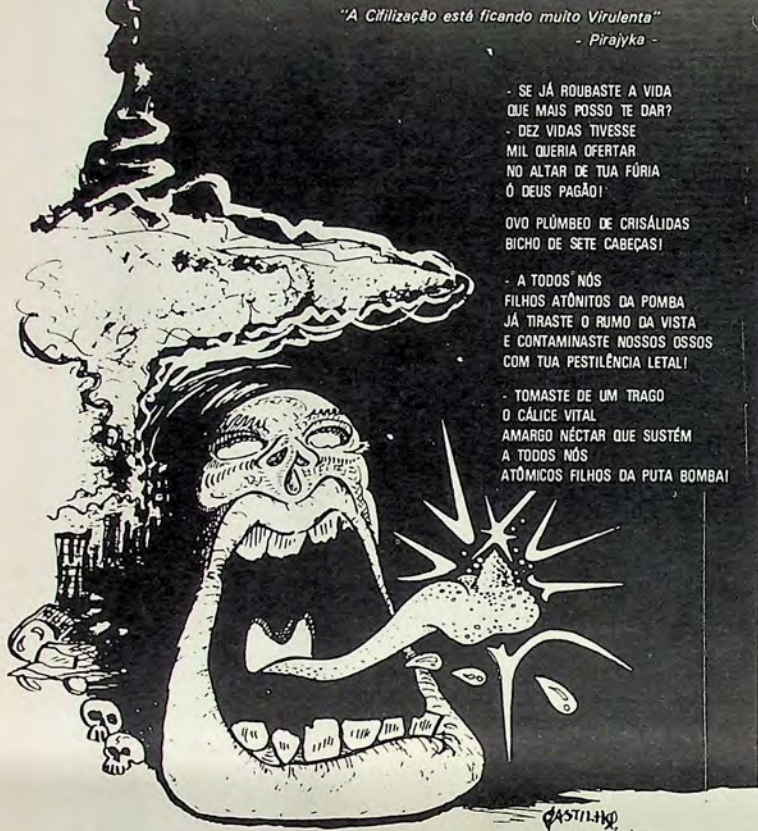
"A Civilização está ficando muito Virulenta"  
- Pirajka -

- SE JÁ ROUBASTE A VIDA  
QUE MAIS POSSO TE DAR?  
- DEZ VIDAS TIVESSE  
MIL QUERIA OFERTAR  
NO ALTAR DE TUA FÚRIA  
O DEUS PAGÃO!

OVO PLÚMBEO DE CRISÁLIDAS  
BICHO DE SETE CABEÇAS!

- A TODOS NÓS  
FILHOS ATÔNITOS DA POMBA  
JÁ TIRASTE O RUMO DA VISTA  
E CONTAMINASTE NOSSOS OSSOS  
COM TUA PESTILÊNCIA LETAL!

- TOMASTE DE UM TRAGO  
O CÁLICE VITAL  
AMARGO NÉCTAR QUE SUSTÉM  
A TODOS NÓS  
ATÔMICOS FILHOS DA PUTA BOMBA!



# AGÔNICO

Edivaldo de Jesus Teixeira

Hora tardia  
em que o ocaso arde  
muda-se em pétalas  
o rouxinol e os véus  
filtram cítaras e rugas

muda a lentidão dos objetos  
em fímbria, muda-se a luz  
sobre os dejetos  
e à ventania das vozes  
águas revoltas  
aderem qual estrelas soltas.

Tardia umbra  
a dos olhos postos  
sobre superfícies  
onde o céu  
em pedras tomba  
e à aparente evasão dos rostos  
junta-se a amarga antevisão  
do escombros.

Hora tardia  
em que o abismo pulsa à tona  
com seus volumes de fel e lama  
hora em que  
esvaem-se em armaduras os réus  
sob cruéis aplausos  
hora absoluta  
hora dos ocasos.

"Mas vale a pena passar silenciosamente/ E sem desassossegos grandes." (Fernando Pessoa).

**minimaq**  
TUDO PARA ESCRITÓRIO

**FACIT IBM Olivetti**  
**Olsmac REMINGTON Olympia**  
**Burroughs SHARP GENERAL**

**QUALIDADE E RESPONSABILIDADE**

ENTREGA EM TODA GRANDE SÃO PAULO

**FONES:**

**469 9922 - 4669 8298 - 469 0636 - 468 1480**

**R. José Bonifácio, 302 - Mogi das Cruzes**

# CBM

**Color Brindes - Mogi**

Brindes para  
todos os ramos  
de comércio.  
Cativar a clientela  
e firmar o nome  
da empresa.

**Tele Brindes 469-1227**

"É tempos dos partidos/ Dos homens partidos." (Carlos Drummond de Andrade)

# LANCHONETE CAMPUS III



**NO PRÉDIO III DA U.M.C**

# CADÊ O PÍCARO?

O que nós passamos nestes últimos meses, para continuar limpos com os leitores, tietes, anunciantes e cobradores, sem furos e hipocrisia política, só Deus sabe... a maré baixa passa. Então tá aqui, a edição nº 16 do **Pícaro** que por sinal é uma coisa festiva

Estamos comemorando, neste país de merda, três anos de sobrevivência/resistência, com o instinto liberado. Sabendo que a vida é uma eterna permuta e o Pícaro um bardi de idéias.

Entretanto, estamos com Denise Stoklos. "Não gosto de todas as regras sociais que a gente tem. Acho que é uma sociedade de morte, toda voltada para você viver pouco". Enio Mainard descobre "Viver em estado de permanente espanto, perplexidade com a natureza humana, é um exercício".

"De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão, todos ligados..."

Iludidos? Não, com certeza. Ganância mesmo. Todo mundo na pior, mil barras pesadas, dessa vez a grana tá sumindo! DINHEIRO FÁCIL, RÁPIDO E SEGURO? Assim correram as correntes/ pirâmides/ aviões do salva-Pátria. Por falar em, a Instituição podia ter entrado e levantado umazinha.

Trocar de carro, fazer aquela viagem, car-sar (ai meu amor!), dar uma reforminha na vida. Mas que tal um pouco de empenho? Ninguém foi iludido não. Crianças desam-paradas? Gananciosos com todo o dever, vagabundos com todo o direito.

"A corrente prende gente, quem tem medo sai da frente".

## SEIS ANOS SEM ELIS

José Maria Rodrigues Filho

Uma frechada do teu olhar... seis anos não é muito tempo!... o menino ainda vende laranjas... ou melhor... rouba-as para vender... o neguinho ainda apanha... no xadrez... é marginal com várias passagens pela polícia... Madalena é o nome de uma velha abandonada num desses asilos embolorados... o bêbado da esquina equilibra-se na beira da calçada... será atropelado logo, logo... e a equilibrista trabalha num desses circos decadentes que percorrem o interior... da garganta sai um ai!... Agnus Sei... você sabia... hoje você vomitaria cobras e lagartos... Agnus Sei... você sabia... seis anos e não vimos a face oculta da Lua... no céu uma estrela brilha... observa-nos melancólica... uma frechada do teu olhar... ELIS VIVE!



(Fundado em 30 de novembro de 1984)

**Jornalistas Responsáveis:**

Jairo Máximo  
Luci Suzuki

**Edição:**

Jairo Máximo  
Projeto Gráfico:

Robson Regato

**Depto Comercial:**

Pícarotas em trânsito

**Departamento Jurídico:**

Edivaldo de Jesus Teixeira

**Seguraram a bucha**

Adilson Spindola

Ana Rúbia

Carlito Maia

Cris Eich

Castilho

Cláudia Wonder

Dirceu Roque de Souza

Dêda Cavalcanti

Denny

Eduardo Fortunato

Edivaldo de Jesus Teixeira

Fernandinho

Fernando Gonsales

Flávio César de Assis

Giovanna Pállo

Héder Cláudio

Hermes Reis Araújo

Ignácio de Loyola Brandão

Isla Jay

John Howard

Jorge Beraldo

José Maria Rodrigues Filho

Lenilde Pacheco

Lailson Santos

Luci Suzuki

Marcos Lima

Maurício Chaer

Mário Zamarian Filho

Márcio Chaer

Moacir Almeida Lima

Nelson Rubens Spada

Newton Foot

Orlando R. Pedrosa

Pai Ubu

Paulo Leminski

Robson Regato

Sérgio Gímenes Aguiar

Spacca

Tânia M. C. Vaz

Teodoro G. Meissner

Vanico Assaz

Walter de Souza Júnior

**Redação e Administração:**

Rua Prof. Flaviano de Melo, 769, sala 24 (redação "Jughurta Lourival Glória") - Mogi das Cruzes - São Paulo - CEP - 08710

**Circulação:**

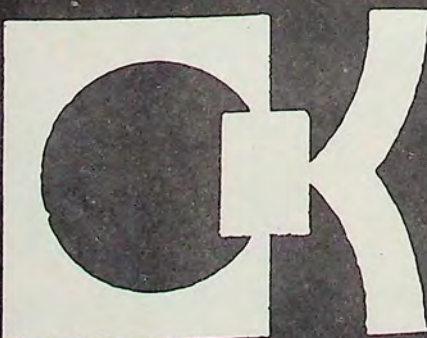
Circulando

**Tiragem desta edição:**

13.000 exemplares

**Nota:**

"A mãe do Jânio não pariu, cuspiu. (Ditado popular)"



# KIYOKAWA

imóveis - creci 8287

Rua Navajas, 97 - Fone: 469-4211 - Mogi das Cruzes

Naquele tempo (segunda metade dos anos 60), o agito cultural da cidade era promovido por basicamente três grupos: o pessoal que se reunia na casa da maravilhosa D. Didi Candelária, os que se reuniam na casa dos Vilela e a turma do TEM (Teatro Experimental Mogiano). Os dois primeiros eram constituídos fundamentalmente de "outsiders", enquanto o último, embora levemente contestador e altamente criativo, era formado pelos "bons meninos" e representava o "establishment". As diferentes visões de mundo provocavam atritos, o que era altamente salutar. Nada mais chato do que uma cultura monocromática.

Embora tivesse diversos amigos no TEM, eu pertencia ao grupo "Candelária", que depois se juntou ao "Vilela", formando um novo conglomerado, autodenominado "Os Sujos". Por que "Os Sujos"? Porque seus integrantes viviam à margem da sociedade estabelecida. Era gente, de uma maneira ou outra, manchada, "suja", pela retrógrada sociedade quatrocentona de Mogi: eram músicos, poetas, artistas plásticos, militantes políticos de partidos da oposição (à época, clandestinos), gente de teatro, cinema, hippies, vagabundos, marginais, prostitutas etc. Ao todo, cerca de 40 pessoas; por isso, o grupo era conhecido também como "Quarentena". Era uma bagunça extremamente organizada. As reuniões eram feitas através dos métodos da dinâmica de grupo e do PERT, os escolarizados (universitários e colegiais) davam aulas para aqueles que haviam abandonado os estudos e queriam prestar exames de Madureza, havia sessões de música onde se ouvia de clássicos a Roberto Carlos (as formações culturais eram muito diferenciadas e queria-se conhecer a realidade uns dos outros) etc.

O objetivo fundamental do grupo era estar junto. Como éramos todos "outsiders", tínhamos de formar uma nova sociedade, que nos desse um mínimo de segurança para crescer, durante a nossa insegura adolescência. Mas além da amizade que nos unia - e dos amores ocasionais ou duradouros - "Os Sujos" tinham atividades definidas, afora o estudo organizado de qualquer tema, histórico, cultural, psicológico, político ou moral. Esquemáticamente, as atividades poderiam ser divididas em duas grandes áreas: política e cultura.

Politicamente, éramos "gauchos": de comunistas ortodoxos a anarquistas, passando por pessoas sem ideologia, que apenas curtiam a agitação, tínhamos de tudo um pouco. Lideramos greves estudantis, ajudamos greves de trabalhadores, fizemos pichações, panfletagens, todas atividades proibidas à época. A delegação mogiana foi decisiva para a vitória da nossa facção, no clandestino Congresso Estadual dos Estudantes Secundaristas em 1967.

Evidentemente, não éramos bem-vistos pelo poder local, o então capitão Abdalla, comandante da guarnição da PM, vivia mandando recados à minha família, alertando que eu devia parar com minhas atividades ou então mudar de cidade, porque eu já era conhecido da polícia, que apenas estava esperando me pegar em flagrante delito. Em linguagem da época, eu estava para "cair". Mas somente deixei Mogi quando



## REBELDES DE ONTEM DE MOGI

Teodoro G. Meissner

entrei na ECA (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). E nunca fui preso, nem em Mogi nem em São Paulo, para onde íamos em bando para participar das passeatas estudantis de então.

Era perigoso mas era inevitável, além de divertido e fundamental para a formação de todos os que participaram. Oferciamos, muitas vezes ingenuamente, o sangue generoso de nossa juventude para a construção de uma sociedade regida por valores humanistas. Em última instância, era o que éramos: humanistas em luta contra o obscurantismo reinante, não só em Mogi mas no país.

As nossas atividades culturais eram também engajadas, no sentido de que queríamos mudar conceitos, comportamentos e nunca pecamos por falta de megalomania - a própria sociedade brasileira.

Inicialmente, promovíamos profundos debates ideológicos sobre o momento presente, sob títulos aparentemente ingênuos e acadêmicos, como "Napoleão foi ou não a

continuação da Revolução Francesa?" Esses debates ficavam, porém, circunscritos ao Washington Luis, onde muitos de nós estudavam. Era preciso dar mais ressonância às nossas propostas. Para tanto, precisávamos de um canal. Foi por isso que disputamos e ganhamos a eleição de 68 para a AMBA (Associação Mogiana de Belas Artes). E foi através da AMBA que realizamos os três eventos de maior repercussão dos "Sujos".

O primeiro, a "Semana de Cultura", foi o mais bem comportado. Realizado em conjunto com a então OMEC (atual Universidade de Mogi das Cruzes), reuniu em conferências e debates a "avant-garde" intelectual da cidade, encerrando-se com um show do TEM (não éramos sectários), "Embanalnia" (era o auge do Tropicalismo).

Logo em seguida provocamos o primeiro escândalo de grandes proporções, com o "Vernissage Tropical", onde naturezas-mortas misturavam-se com quadros pop e poster-poemas, artistas de vanguarda,

como Vampré e Miled com acadêmicos como Barros, o Mulato, ao lado do charme das aquarelas Mundialmente premiadas de Chiang (ele ainda vive em Mogi? Se sim, o Pícaro deveria entrevistá-lo).

Durante o coquetel, regado a caipirinha e com os canapés substituídos por frutas tropicais, misturaram-se as autoridades mogianas, a sociedade e os artistas, a rigor os primeiros, com trajes típicos os últimos. O coquetel terminou em grossa pancadaria. Lá pelas tantas, o Vampré decide fazer um discurso "pour épater les bourgeois". Dirigindo-se às pessoas de smokings e longos, disse que elas não tinham condições de distinguir um primitivista de um dadaísta e que só tinham ido à vernissage para badalar e comer. "Pois então comam!", berra e começa a atirar frutas nos presentes. Em segundos, mamões, melões e abacaxis cruzam os céus da vernissage, vindos de todos os lados. A "guerra tropicalista" extravasa as fronteiras mogianas e ganha citações nos jornais da Capital e intensos debates nos jornais dos vales do Tietê e Paraíba, durante semanas. Além dos inevitáveis achincalhês, a AMBA recebeu diversas manifestações públicas de apoio, vindas inclusive e surpreendentemente de setores conservadores, que debitaram a batalha campal ao "ímpeto renovador da juventude".

Escândalo proporcionalmente igual "Os Sujos" obtém no I Encontro Aberto de Música Livre, ainda em 68, com a música "Mogi", que não tinha música. Era o que hoje se chama de "performance", onde todos os monumentos culturais de Mogi eram, para dizer o mínimo, tratados com irreverência. Ao som das vaías ensurdecedoras da platéia o Miguel Colella - bom compositor, pianista, cantor e membro do TEM - chega para mim e diz: "Desta vez, vocês conseguiram o seu intento". Acho que sim, respondendo.

Creio que o mais importante nesses anos de Mogi foi a nossa tentativa de abrir a cidade para o que de novo estava acontecendo no mundo, de tentar fazê-la progredir cultural e politicamente, sem desprezar as experiências passadas. Não éramos sectários, como já disse. Ao contrário, mantínhamos bom relacionamento com os representantes da cultura tradicional. Apenas queríamos mostrar a eles que o novo sempre vem. E a nós mesmos, que era preciso ousar em tudo, que o progresso é movido a ousadia. Há sempre um preço a pagar. Oferíamos amor e criatividade, recebemos

AI-5 e obscurantismo. Em 70, John Lennon decretou: o sonho acabou. E Gilberto Gil aduziu: quem não dormiu no sleeping-bag nem sequer sonhou.

P.S.: Este artigo foi escrito a pedido do Márcio Chaer, a quem andei contando algumas das histórias aqui rapidamente esboçadas. Como um salutar mecanismo de defesa, a memória guarda o mel e joga fora boa parte do fel das experiências passadas. Os anos dourados em Mogi foram bons. Mas não sei se a Mogi dos 60 era melhor que a Mogi dos 80. Com certeza são Mogis diferentes. Não acho que se deva exagerar com "revivals". Chega de saudade. Como diz Caetano, "não importa tanto onde estou/o melhor lugar é ser feliz".

"Os homens se esquecem de que o que eles vivem não é imortal." (Romain Gary)

"Copiar os outros é necessário. Copiar a si mesmo, patético." (Picasso)

"Para os povos, a História é, e permanece sendo, um feixe de histórias." (Hans Magnus Enzensberger, poeta, professor, ensaísta, "O Curto Verão da Anarquia, Cia das Letras")

### SOLAR

Produtos Naturais

Lanchonete  
Entrepasto

Uma boa  
alternativa

R. Senador Dantas, 412  
Mogi das Cruzes - SP

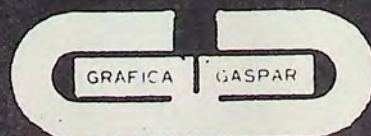
### ORGANIZAÇÃO SAMAS

Contabilidade, Auditoria,  
Assuntos Comerciais & Fiscais

Um serviço sério  
e personalizado

Samuel Assaz  
Carlos Fernando Assaz

R. Cel. Souza Franco, 147  
469-4384/0307/2690



IMPRESSOS EM OFF SET

PONTUALIDADE E QUALIDADE

R. CABO DIOGO OLIVER, 183 - FONE 469-0717  
MOGI DAS CRUZES



**MOGI-VIME**  
tudo em vime  
artigos p/ presentes  
entrega em  
Bertioga a domicílio  
R. Ipiranga, 1.043



**FRASKOS**  
PRESENTES

A solução para  
um presente criativo

R. Cel. Souza Franco, 226 - Tel. 460-1774



# INDEPENDENTES

Walter de Souza Junior

Fruto da Marginalia; parida junto com a Tropicália que já dobra o cabo dos 20 anos, chega ao pós-80, com nova personalidade, a poesia independente: perdeu o caráter marginal e a vergonha. Pois é publicar um livro independente agora, é pra qualquer um que, logicamente, tenha o vil metal para financiá-lo. Leminski, Chacal, Glauco Mattoso, Leila Mikolis e um punhado de gente que publicava poesia só pra empentelhar o circuito comercial, acabaram virando enlêm literatura. Mas o rastilho da publicação independente permaneceu, e hoje até Mestre de Literatura publica seus ensaios e poemas em livretos independentes, com o devido cuidado de deixar bem claro que "o poeta é um marginal/ mas tal marginalizado/ que não aceita que tal/ nome lhe seja aplicado" (Francisco Igreja). Mas, colocando a leitura e cartas em dia, os comentários que se seguem são de publicações que por acidente ou culposamente chegaram à redação deste Pícaro. Recorte e guarde.

\* **CONCURSO DE POESIAS** - Universidade Aberta/UNICAMP - Coletânea de poemas de alunos do 2º Grau campineiro. O 1º lugar do Concurso, de Henrique de Abreu e Lima é drummundano e lembra o "E agora Jose?". \* **ASSASSIGNO** - Márcio Almeida (Belém/M.G.) - Uma Mallarmelada de Kikkerrelase pra deaugar de Deliaartauds. Original é Deliaartauds com construção. Um "tô de olho em você" picaresco na contra-capá. \* **DALILAS SIEMAS** - Jurema Barreto de Souza (Sto. André) - Sapatadas pra todo lado. Quer ver? "Rom-rom, de as-

tros e gatas em festa". E tem esta pérola: "Virgem! Deixa a castidade no almanaque antigo". Poemas aqusos na 2ª parte do livro e dispersos a seguir, que trazem coisas mais interessantes. \* **OFICINA Nºs 5, 6, 7 e 8 - Vários (Rio de Janeiro)** - O guru Francisco Igreja (mestre de Ciências da Literatura) faz reflexões filosóficas com seus pupilos. Tem de tudo: rock, samba, xaxado e até catira. **LUTA SOLITÁRIA** - Flávio Velasco (São Paulo) - Uma luta braba! "E juro que o que quero é uma mobíleto. Quando não, ufanista: Salve o cruzado! Salve! Salve! Ou ainda docuras como "... Seus lábios são como morangos/ vermelhos e carnudos... Haja fôlego pra essa luta! \* **ORWELHAS NEGRAS** Márcio Almeida (Belém/MG) - Antologia do mesmo autor de 'Assassinato' do período de 64 a 85. Ele teoriza sua poesia na 'DidEYética', semiotização da literatura=visual. Um dos melhores do pacote, esse mineiro. Há poemas-metamorfoses. E muito poema-processo-escola pós-concreta desenvolvida no Rio de Janeiro. \* **VISGO DA TERRA** - Astrid Cabral (Mauaus/III) - Ecologia em forma literária que jamais cai no lugar-comum. Turbilhão de imagens amazônicas que estariam qualquer cidadão da urbe. Lindas onomatopéias in-crescadas nos poemas. Querem ver/ouvir? "Astrid/ catibiribide/ saramacutibe/ furunfurunfibe. " Mais? "Grelma grelam sobre a terra/ os cocos de tucumã/ cortam e cortam roseiras/ as saúvas com afã/ Erolando vai a terra/ Manhã depois de manhã. " \* **FRAGMENTOS DE LUZ** - Luiz Fafau (Goiania) - Quando o tal "Fafau" publicou os tais 'Fragmentos', crianças e adultos ainda não haviam se contaminado com o Césio 137, na sua cidade

natal. Mas suas poesias já estavam contaminadas com lugares-comuns, sem caírem no banal. O prefácio de Pedro Terra já alertava: "é necessário fundar um idioma poético para Goiania. " \* **PERFIS** - Cecília Maicé (Girú - isso é no Rio Grande do Sul) - O título do livro dessa gauchita tem referência à discriminação racial, conforme poema anônimo. A periguidade é otimista e às vezes lembra livros do tipo "Otimismo em gotas" ou "Força para Viver". \* **OS FARÓIS INVISÍVEIS** - Péricles Prade (São Paulo) - O mais bem acabado graficamente do pacote. Pudera, é da Massao Ohno editor. Paisagem na janela de banquetes pantagruélicos, prazeres epicuristas e masmorras medievais. O autor tem no currículo o fato de ter o sido o curador dos filhos de Wlado Herzog. Original e estilístico. Provê "... o enforcado tudo confessa/ e só não canta porque não pode "... o vício é medula de suposto sabor/ a ele me devo-to/... resistindo sempre... \* **CRONOVERSOS** - M. Macêdo (Sertãozinho do Tietê) - Esse, por descuido desta redação, escapou da ceia dos imortais do último Pícaro (mas tinha uma cadeira reservada aos "olvidados"). Desfile de musas kitschs "... o canto de Vanusa/ é como se ela pintasse/ o som/ com as cores de Renoir... Essa nem eu lembrava: "... Marisa Raja Gabaglia/ olhos arregalados/ na descoberta/ do mundo... Tem até Leila Diniz, mas este poema eu me recuso a citar!!! \* **ENGENHO** - Batista de Lima (Fortaleza) - Depois de três poemas, você já enjoou de tanto caldo de cana. Tem outra: poemas-panfletos melados que lambuzam qualquer leitor. \* **CENTAURIO SEM CABEÇA** - Nºs 3 e 4 - Vários (Sergipe/ Aracaju) - Deliciosamente anárquico! Fanzine

litero/ quadrinista/ ecológica. Do nordeste para o sul-maravilha, o que eles chamam de "produção alternativa libertária". Bom de se ver como qualquer zine. \* **LABIRINTO** - Paulo Cesar Coutinho (São Paulo) - O título é metalinguístico: você começa a ler e se perde. 150 densas páginas onde até o autor se acha perdido. E adora repetir uma frase que meu avô dizia: "depois da tempestade, vem a bonança" (não é o bang-bang). \* **ÚNICA CERTEZA** - Nedi Terezinha Locatelli (Ipumirim - Santa Catarina) - Publicação simples de poemas cristãos que não cabe ser analisada literariamente. É puro instinto de estudante com verbetes de catecismo: sopro criador, salvação, altruísmo, pecado, porvir, libertação. \* **PROCURA-SE UM POEMA** - Francisco Igreja (Rio de Janeiro) - O mesmo Igreja dos Cadernos OFICINA conta poemas e faz até panfleto operário. O único problema é a mania desse cara em publicar poemas de ponta cabeça, como se quisesse impor um movimento cinético que a estrutura poética não comporta. Resultado: a invenção sai de graça e atrapalha a degustação literária. \* **OLHARES E JANELAS** - Manoel Alves Calixto (São Paulo) - Masturbatório solitário e reflexões éticas com passagens que denunciam o Drummond lido pelo autor. \* **E NÓS SOMOS ISSO?** - Wanderley (Rio de Janeiro) - O cara chega a falar que "... a solução do mundo/ é voltar/ ao sistema primitivo... Ou faz declarações como "... Faz frio nesse quarto/ e eu permaneço/ com essa coceira no hímen... ou "... Deus e a chuva/ são de direita... Quando chega no plágio descarado do Leminski, não dá mais: "Nua/ ali/ se vê/ Alice/ Se Alice/ se visse nua. " Dá pra levar a sério?

## VOLTA ÀS AULAS COM SAUDADE

PREÇOS BAIXOS • TUDO QUE VOCÊ PRECISA • CREDIÁRIO PRÓPRIO

# spot

STOP PAPELARIA

r. dr. paulo frontin, 233  
fones: 489-3022 - 489-7364  
mogi das cruzeiras - sp

"Hoje podemos usar os computadores como se fossem espelhos. O LSD tornou-se dispensável." (Timothy Leary)

"Quem planta maconha colhe cana." (Ditado popular)

"O criador do espelho envenenou a alma humana." (Fernando Pessoa)

CIRCO 7



NAS BANCAS

POLI'S

Produtos Naturais  
Fisiologia. Massagem  
Orientação Nutricional

R. Barão de Jacaguai, 1273 - Mogi das Cruzes

GRAMMED  
JARDINAGENS

Comércio de gramas,  
execução de gramados,  
decorações de jardins  
mão-de-obra especializada  
disque **468-3990**

Engenheiro Motta, 449 Centro de Mogi



SOLO SONDA

fundações  
sondagens  
estacas tipo strauss  
estacas pré-moldadas

1.000 obras realizadas

NOVO ENDEREÇO

r. francisco assis monteiro, 43  
fones: 469-0503 - 469-6132  
mogi das cruzeis - sp



## "NOVOS PACOTES"

Adilson Spindola

Além dos pacotês Eldorado/Stilleto, Brasi-disc e afro (veja matéria ao lado), alguns bons lançamentos também estão nas bancas das melhores lojas. Entre eles, uma amostra da "vanguarda" do rock com "Visions of Excess" (RCA-Cellulid) do The Golden Palominos, banda-projeto liderada pelo baterista Anton Fier, ex-Lounge Lizards, formada por músicos de várias etnias e formações musicais que frequentam o bairro de Loisada (Lower East Side), reduto intelectual e musical nova-iorquino. Neste seu segundo LP, de 85, o Palominos dá uma la de heavy e hard rock, mostrando que estes estilos também podem servir à "vanguarda". O disco quando não cai no rock pauleira, mergulha em saudáveis popices também "vanguardistas". Outra grande lançamento é "Rhythm Killers" (WEA) dos impossíveis Sly and Robbie, junto ao último James Brown, e aos dois Whodini, o melhor lançamento na área funk em 87. A

dupla que forma a seção rítmica, mais solicitada do planeta arrasa em seis faixas repletas de citações - que vão da armação disco Silver Convention, até a música clássica - truques de estúdio e funk, muito funk. Um álbum para se falar pouco e dançar muito. Dançar muito também, só que neste caso com uma namorada, é com "Betê Noire" (RCA), mais uma obra prima de Brian Ferry, um dos artistas mais coll do planeta, e dono do rock mais sofisticado do mundo. Como sempre cercado de instrumentistas de primeira linha - entre eles Johnny Marr, ex-Smiths, Mr. Ferry esbanja bom gosto em oito românticas e balançantes faixas entre elas, a faixa título, uma ousadia na sua mistura de tango com um sublime acordeão francês e um violino de colorido cigano. Ousadia também teve a Continental em lançar "You Scare Me To Death", doze faixas inéditas do genial e influente Marc Bolan, ex-líder do T.Rex, morto em acidente automobilístico em 77. Gra-

vadas originalmente em 1966, só com violão e guitarra, foram arranjadas e produzidas em 81 por Simon Napier-Bell, amigo e profundo conhecedor da personalidade, dos gostos e da musicalidade do revitalizador do glitter rock. Até hoje, Mr. Bolan é uma das influências básicas que os anos 70 deixaram para o pop/rock. Já Paul McCartney em sua coletânea "All The Best!" (EMI-Odeon), resgata sua importância para o rock e seu grande talento como grande compositor. Sempre visto como um grande careta, e o mais comercialíde dos ex-Beatles, Paul lembra a todos que é um dos maiores melodistas do século. Faixas como "Ebony and Ivory" e "Once Upon a Long Ago" - esta a única inédita do álbum - só confirmam isto. Infelizmente o ex-Beatle em sua carreira solo teve poucos álbuns que fizeram jus ao seu enorme talento, o que torna este disco imperdível por ser um magnífico resumo do melhor Maca.

## PRECIOSIDADES

Já faz é algum tempo as prateleiras das melhores lojas começaram a receber títulos antes impensáveis graças aos inúmeros lançamentos da série Rarity do selo Brasi-disc, que está lançando no Brasil títulos do catálogo da conceituada gravadora norte-americana "Charly Records". Após as preciosidades do sensacional primeiro pacote, a gravadora paulista traz outras como o LP de Elmore James, o mestre do blues do Delta do Mississippi. De B.B. King à Robert Cray, passando por Jimi Hendrix e Duanne Allman, todos os grandes guitarristas tiveram dele uma grande influência confessa. Confirmem o porquê ouvindo sua exuberante técnica na slide guitar - seu lado mais famoso - Na coletânea "Got a Move". Preciosidade também é "Million Dollar Quartet", sessões de gravações com Elvis Presley, Carl Perkins, "The Killer" Jerry Lee Lewis. Verdadeiro registro histórico do início do rock onde entre piadas e brincadeiras os três monstros esmagam

baladas country, gospels e hinos religiosos. Johnny Cash que apesar do crédito na capa talvez não tenha participado destas sessões, aparece com "Ballad of a Teenage Queen", registro de sua melhor fase, início de carreira, quando ainda ficava entre o country e o rock, se aproximando do rockabilly, e ainda mantinha firme seu vozeirão, mais tarde abalada pelo álcool e pelas drogas. Completando este pacote dois LPs dispensáveis: "The Best of Gerry and The Pacemakers" e "Purple Haze", este mais um entre os discos lançados após a morte de Jimi Hendrix que certamente ele reprovava. E já que estamos falando de pacotes, a Stilleto/Eldorado atacou novamente com três lançamentos. O primeiro deles é o Bauhaus com Mask em tempo. Você se lembra daquela garotada toda vestida de preto, apáticos e fazendo pose de entediados e deprimidos? Pois bem, o Bauhaus era um dos dois cult-groups favoritos daqueles garotos - outro era o Joy Division. Felizmente o quarteto extrapolou toda

essa onda misturando tudo com muito humor negro e auto-ironia. Se este não é seu melhor disco, serve como uma boa amostra do consistente trabalho do grupo. Já "The Moon and The Melodies", do Cocteau Twins and Harold Budd, é o segundo disco do trio escocês lançado aqui. Neste LP que na verdade é o 5º do grupo, a música soa menos progressiva, mais contida e suave mas paradoxalmente. A moldura imposta pelo piano do californiano Ben mais "presa" perdendo um pouco do brilho dos discos anteriores. Finalizando, "Bend Sinisters" do The Fall, uma das grandes bandas independentes inglesas inéditas por aqui. Já com dez anos de existência, o grupo em seu 13º LP, aprimora seu estilo recortado por climas fantasmagóricos, ruídos, distorções e algum psicodelismo. Tudo feito com uma simplicidade e um falso desleixo que remete a tradição das garage bands. Um disco que "pega" aos poucos.



"Lutar com palavras" é a luta mais vã. Então lutamos! mal rompe a

"Cada ovo comido é um pinto perdido. (Grafite no trem, linha Sampa-



# CONEXÃO ÁFRICA-CARIBE

**D**escobertas novas rotas na conexão África-Caribe, estas passavam agora pelas gravadoras EMI-Odeon e Continental. Na primeira foi descoberto um pacote de nome "AFRO REGGAE, BAET", composto por quatro Lps. O primeiro deles é "No Nuclear War", disco póstumo de Peter Tosh, onde o jamaicano fica longe de seus primeiros discos. O lado um, mais *swinging* e com uma batida mais rápida, destaca a envolvente "Nah Gao Jail". Já no lado dois o andamento cai para dar ênfase às pregações rastafaris, tornando o Lp um tanto quanto arrastado. Já o africano da Costa do Marfim, Alpha Blondy, gravou com os Wailers, a ex-banda de Bob Marley, um grande tributo ao mestre. Tanto nas letras, quanto na música sincopada, hipnótica, lenta, tudo soa como num disco

de Marley. O maior destaque fica para belíssima faixa-título, "Jerusalem". No caso de "Third World Child", de Johnny Clegg & Savuka, o bem dosado equilíbrio entre o encontro de culturas ocidental e afro na maioria das faixas, torna o disco um ótimo exemplo do pop africano. Nas poucas faixas em que existem uma excessiva influência ocidental, a banda não compromete mesmo faltando africanidade nestas faixas. Fechando o pacote, a coletânea "Sounds of Soweto", destacando as quatro faixas do político Condy Ziqubu e a do incrível guitarrista Kaputeni. Pela Continental, "The Guitar and the Gun", está uma coletânea feita do highlife tradicional de Gana. Simples, rústico, levando uma música sincopada, com muita ênfase nos solos de violão e/ou guitarra, e

melodiosos porém discursivos vocais. Uma surpresa para ouvidos tão saturados de superproduções de estúdio. Mas é pela rota da RCA, via o selo francês **Celluloid** que chega o melhor disco entre todos os africanos até agora aqui lançados. "**Electric Africa**", **Lp de 85**, do cantor e saxofonista nascido na República dos Camarões, **Manu Dibango**. Produzido por Bil Laswell do Material e com uma substancial ajuda de Herbie Hancock, **Dibango** e a "**Soul Makossa Gang**" investem nos recursos eletrônicos e nas modernas técnicas de estúdio para dar novo impulso a seu estilo "**afro qualquer coisa**" - como ele mesmo a define -, temperando tudo com muito funk, jazz e o ritmo makossa, sua marca registrada, aliado a seu vocal grave, quase cavernoso. Imperdível.

**EM ALTA: TITÃS,  
INOCENTES,  
PARALAMAS...**

Dentre os inúmeros lançamentos de rock brasileiro ocorridos nos últimos meses, quatro se destacam. O primeiro vem de uma banda que ainda não conseguiu o espaço que merece na mídia, "**Adeus Carne**" (WEA) com os **Inocentes**. O disco se sobressai pela pretensão de apenas soar forte, pesado e honesto, trazendo letras diretas e objetivas para a garotada que não é "espérrrrrrrrrrita" como querem os vendilhões da juventude, e sim cada vez mais conscientes de que o mau cheiro por aqui está cada vez pior. Assim o grupo passa a sua decepção com o ex-país do futuro no desabafo de "**Pátria Amada**", faixa que, utopicamente, esperamos seja atual por pouco tempo. O contrário do que acontece com "**Pesadelo**", um ex-samba, originalmente com uma política letrada que o quarteto transformou num vigoroso ode a persistente esperança. Estas duas faixas e mais "**Morrer aos 18**" são das melhores que nosso rock produziu em 87. Outro grande destaque deste final de ano, não poderia deixar de ser "**Jesus Não Tem Dentes No País Das Bangueiras**" (WEA), dos Titãs, o mais esperado entre os roqueiros brasileiros. Nenhum deles deve ficar decepcionado pois eles não se repetiram tentando fazer um novo "**Cabeça Dinossauro**", deixando um pouco de lado temas mais gerais e coletivos e mergulhando em outros mais pessoais, buscaram também um tratamento mais refinado ouvindo nas escolhas

de timbres e ritmos eletrônicos sem deixar de lado o clima de urgência que caracteriza sua música. Em "Jesus...", pelo menos sete faixas marcarão o rock brasileiro, entre elas "Nome aos Bois", que qualquer um pode chamar de "Nome aos Porcos tranquilamente. Outro grande lançamento foi "D" (EMEI-Odeon), disco gravado ao vivo no Festival de Montreaux 87, na Suíça, pelos **Paralamas do Sucesso**. Dos grupos brasileiros, o trio é o que melhor busca uma maior aproximação com os ritmos daqui. Não é a toa que neste álbum gravaram - ainda que em versões mais fracas - dois mestres neste tipo de "fusão": Jorge Ben e João Bosco. Este quarto Lp registra o crescimento instrumental da banda e fica como documento do melhor do que fizeram até agora. E esqueça que o disco foi gravado naquele festival, afinal aqui no Brasil eles tocam para muito mais pessoas do que os três mil brasileiros que lotaram aquele buraco perdido na Europa. Da Suíça voltando para o Rio Grande do Sul, onde surge a grande zebra entre os grupos nacionais: o segundo Lp dos **Engenheiros do Hawaii** (RCA), agora dando uma força para o selo **Plug**. Esquecendo o ska e as tinturas levemente brega que predominavam em seu irregular primeiro Lp, o trio vem agora com seu lado mais pop e **rock**er, de eventuais toques country, trampolim para as letras amargas e certezas do vocalista e baixista Humberto Gessinger. Um disco para pensar e dançar muito.

# SEM JACO PASTORIUS

**Mario Zamarian Filho**

**H**á uma estranha mania do destino de levar para o além grandes gênios de formas trágicas. Em setembro foi a vez de **Jaco Pastorius**, que em sua fulminante carreira provocou no baixo elétrico, uma revolução semelhante à de Jimi Hendrix na guitarra. Coincidentemente, a **WEA** lançou no Brasil, duas semanas antes de sua morte, o LP "**Word of Mouth**", seu segundo LP, lançado originalmente em 1981. O destaque fica para o Pastorius arranjador e compositor e não para o músico exímio, como seria de se esperar. Sua versatilidade pode ser comprovada em faixas como "Chromatic Fantasy", de Johann Sebastian Bach, onde ele executa escalas difíceis no baixo acústico; "Blackbird", dos Beatles, onde ele dedilha o baixo elétrico como se fosse um violão, e em "Word of Mouth", onde ele demonstra sua admiração por Hendrix.

Ja os fãs incondicionais dos Rolling Stones vão ter um choque ao ouvir "The Charles Orchestra Live at the Fulham Townhall", o primeiro disco solo de seu baterista. Fanático por jazz, ele reuniu nada menos que três dezenas de músicos entre os melhores músicos da Inglaterra. É um velho sonho que se realiza, o desejo de tocar por simples prazer. A **Orchestra** é uma autêntica **big band** dos anos 50, e como tal revisita alguns dos maiores clássicos da era do **swing**. De quebra, a presença de Courtney Pine, a última sensação do jazz e de Jack Bruce, ex-lunador do Cream. Os fãs mais esclarecidos vão adorar. Os mais radicais, vão detestá-la.

  
**BARATOS  
AFINS**

**DISCOS  
RAROS  
E FORA DE  
CATÁLOGO.  
NACIONAIS E  
IMPORTADOS**

Av. São João, 439  
2º and - loja 316/318  
Fone: 223-3629 - Sampa.

**HORIZONTE**  
**SURF SHOP**



**Entre nessa onda!**  
R. Dr. Corrêa, 546  
(em frente ao teatro de Mogi)

CLUB

# DISCO 12



## DISCOLOCADORA

VENDE, TROCA E ALUGA DISCOS  
ACERVO COM MAIS DE 3500 TÍTULOS

R. PROF. FLAVIANO DE MELLO, 1249  
FONE: 489-2546 - MOGI DAS CRUZES

ENIO MAINARDI

# "DISCURSIVO PRESUNÇOSO BOM MOCISTA CAGA-REGRAS"

Robson Regato

Participaram Vanice Assaz e Tereza Mainardi

52 anos - "tempo de vida pra caralho" - casado pela segunda vez com a publicidade, nascido em Pindorama (noroeste do estado de SP) e trazido para a capital aos sete anos quando ouviu pela primeira vez a palavra negócio; infância dura, sem pai nem mãe, passagem pelo juizado de menores, adolescência a um triz da marginalidade, teve dez gonorréias, sífilis e outras coisas mais, Enio Mainardi, descobriu no livro "Como Fazer Amigos", do qual não se lembra o autor, e num grupo para integração de jovens desajustados chamado COLMÉIA, sábios conselhos para resolver seu objetivo de transar numa sociedade de onde era rigorosamente expulso sempre.

Estudou Direito na São Francisco, onde conheceu a mulher que mudou a sua vida - "virgem, honesta, primeira aluna da turma e uma cu-de-ferro" - teve dois filhos e trabalharam juntos até hoje. De vez em quando tem que ouvir dela: "você não é isso, você tá atuando, não é possível que você seja isso".

Abandonou a publicidade um dia porque não aguentava mais ficar em estado de alerta o tempo todo, "não pra escrever um livro ou pra montar uma tese sociológica, só pra detonar o COMPRE! COMPRE! COMPRE!".

Aí vendeu tudo. Mercedes, Porsche, avião bimotor, lancha, etc e teve um caso com o Paulo Malzoni - mercado imobiliário - que lhe prometeu devolver toda sua grana quando quisesse sair. Se deu mal. Nessa altura já estava casado com Tereza, sua segunda mulher, teve mais um filho que nasceu exatamente no momento do rombo do investimento, há cinco anos ("não tinha dinheiro nem pro parto", diz Tereza).

Só sabia fazer publicidade: "Sabe que eu sou um bom publicitário? Sou um mau pia, mau marido, mau tudo, mas um bom publicitário". Enlouqueceu. Afinal quantos publicitários saíram e voltaram com sucesso?

Ele é bom, ou o que é melhor, acredita piamente nisso. Assim dá tudo certo. Não quer morrer antes de fazer o seu All That Jazz, e tem se tornar um velho babaca, linha reclamante, irritado com o mundo por estar fora dos parâmetros que deveria estar. Mas foi desse jeito, reclamando e inconformado com as pessoas, que Enio Mainardi recebeu o Pícaro para esta entrevista.

Qual o prazer de ser uma figura polêmica, onde você goza?

Enio - O que faz um garoto de 15 anos chegar numa árvore e marcar seu nome com o canivete, o que faz um degenerado marcar o nome numa estátua do Aleijadinho? É tudo a mesma coisa. A mesma vontade de ser, de se perpetuar, acreditar na própria versão. É você saber que de alguma forma tá provocando algum tipo de admiração. Isso é ótimo!

Pura vaidade?

Enio - E eu tô ligando pra isso? Eu como, feio, cago, faco tudo.

Você, profissional.

Enio - Há uma tentativa constante de compreender o que leva as pessoas a fazerem o que fazem. É um trabalho lindo esse da propaganda. A gente funciona nesse sentido que nem a mudança do nível d'água do poço, do movimento dos pássaros que estão voando estranhamente, do vento que traz a previsão das temperaturas e dos terremotos. É fantástico! Ter essa visão, saber interpretar esses sinais inconscientes. Apesar de você estar cheio de lanças, conseguir perceber uma agulha. É isso! É aí que a sua sensibilidade exagera. Mas você precisa ser tudo, o pássaro, o vento e o ir da água.

O trabalho?

Enio - O prazer do trabalho não está nem na aprovação nem na grana, mas tá na iluminação, na mútua estimulação intelectual. E eu não aceito que você não esteja vivo me engolindo, porque eu sou o vampiro, na hora que nós trabalhamos eu quero a tua jugular. Porra, me deixa te explorar, eu vou te dar de volta o que você nunca teve. Agora se você não fizer, eu faço melhor, eu vou te liquidar. E eu não quero porque isso faz mal pra mim.

As pessoas?

Enio - Eu não posso parar com a minha cabeça. Me escandaliza como as pessoas se acomodam. Porra, inverte a situação, pensa de outro jeito, usa a cabeça. O maior problema é descondicional o alheio, porque se você não descondicionalá-lo ele condicio-

na você e te acomoda. É preciso desacomodar as pessoas para que elas e eu mesmo me desacomode. Acho que isso de você não se dar desculpas e não desculpar ninguém é que é a chave do negócio.

Te - Mas isso é um sofrimento pra você!

Enio - Mas é sofrimento. Toda relação pessoal, tudo que implica respeito pelo outro é sofrimento. Você só briga com quem você ama. Só não dá pra trocar desamor. Não tem lógica se ferir demais. Aí não tem jeito. E se aparece um cara melhor que você, mais forte, que grite mais alto?

Enio - Nunca me aconteceu. Nunca tive essa experiência. É uma coisa assim: na cabeceira da minha cama tem uma metralhadora leve... à noite eu boto um 38 na cintura, mas nunca precisei atirar em ninguém. É só ter consciência do que você é, não precisa ficar exercendo, mas você sempre espera o ataque, também não pode ficar paranóico. É complicado. O que você está colocando é uma agressão física.

Não! É uma relação de trabalho, você faz assim!

TE - Eu acho que você pode rever posturas. Se você fala uma besteira e alguém te diz que você falou, pode pedir um minuto e rever sua posição.

Enio - Eu sou tão humilde... (risos)

E você?

Enio - Hoje eu tenho a sensação de que sou um babaca, pois quando eu tava na faculdade eu tava cagando pro mundo. Tava a fim de me entender. Eu queria experimentar e o mundo era um jardim de infância onde eu tinha que pilotar todos os brinquedos. Era

divertido. A provecta idade faz da gente um buscador de soluções razoáveis, mais construtivas.

Va - Isso então é da idade mesmo?

Enio - Eu acho que sim. Acho que é senilidade mesmo. Talvez até acomodação.

Te - Mas você não é velho, não tem postura de velho. Você tá falando coisas... Eu estou surpreso!

Enio - Lembra os filmes do Walt Disney? Ele botava uma câmera parada com 1 fotografia batendo a cada hora para surpreender uma flor abrindo. Na medida que eu sou mais velho, eu vi mais cenas. Então eu tenho uma visão mais comprida das coisas. E eu vejo as coisas piorando. Manter a perplexidade é uma regra. Se você perde isso, perdeu tudo.

Sair da guerra?

Enio - Eu não quero nunca sair da guerra. Eu vou morrer baleado. Se eu morrer agora, vou morrer muito puto. Não é hora, eu não permito. Aceitar as coisas com naturalidade é não exercer espírito crítico com elas. Viver num estado de permanente espanto com a natureza humana é um exercício. Minha impotência não aceita nem a deterioração.

Te - Então você tem medo da morte física?

Enio - Eu? Não me ocorre não. A gente se preocupa com a morte aos dezoito anos.

Va - O que é ficar velho?

Enio - É rigorosamente parar de criar. O jornalista não tem tanta chance, o assunto é sempre mais importante que a visão pessoal. Ele trabalha mais com o piloto automático ligado do que o publicitário.

E as drogas?

Enio - Eu não conheço droga. Quer saber qual é a minha experiência? Tomei duas bolinhas de ácido por causa de um livro. Na segunda, já tive uma bad trip quando eu falei: nunca mais! Um dia conversando numa rodinha pintou um fuminho e, na segunda, na terceira, começou voltar a bad trip, aí eu disse: morreu! Eu não fumo, não bebo, não tomo droga nenhuma, tenho que viver a seco. E ainda faço gnástica, o que não é suficiente. Droga não é legal. É triste alguém precisar de um aditivo pra levantar voo. Eu viajo comigo mesmo. Pra mim a traficância deveria ser liquidada com a morte. Radical. Julgamento sumário e manda fogo. Mata um por dia, três, quatro, até acabar. A minha geração se fodeu muito com as drogas.

O momento do orgasmo?

Enio - Seguramente não é na hora de foder (com desculpas a Tereza). Eu vivi trinta anos pelo pau e nunca gozei. Não é por aí. O orgasmo é no momento da criação de uma coisa nova. A criação afasta a morte mais um pouco. Eu sinto pena dos caras que vivem na rotina. Eu tenho lástima pelos não criativos. Sinto muito. Eu quero ser ótimo sempre, mas é preciso respeitar o movimento pendular, ter paciência. Acho que tudo isso que a gente conversou, se eu tivesse que ouvir, diria que esse cara é discursivo, presunçoso, cheio de platitudes e lugares comuns, bom mocista e caga-regras.



LAISON SANTOS